

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ARISANGELI DE FATIMA PAIVA

SOBRE O CONCEITO DE REPETIÇÃO EM FREUD

CURITIBA

2019

ARISANGELI DE FATIMA PAIVA

SOBRE O CONCEITO DE REPETIÇÃO EM FREUD

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Rosane Zétola Lustoza

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Paiva, Arisangeli de Fatima

Sobre o conceito de repetição em Freud. / Arisangeli de Fatima Paiva. –
Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^ª. Dr^ª. Rosane Zétola Lustoza

1. Psicanálise. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 – Crítica e interpretação.
3. Transferência (Psicologia). 4. Inconsciente (Psicologia). I. Lustoza, Rosane
Zétola. II. Título.

CDD – 150.1952



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ARISANGELI DE FATIMA PAIVA**, intitulada: **SOBRE O CONCEITO DE REPETIÇÃO EM FREUD**, sob orientação da Profa. Dra. ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Setembro de 2019.

ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA
Presidente da Banca Examinadora

DEBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE POSITIVO)

VINICIUS ANCIÃES DARRIBA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO)

AGRADECIMENTOS

Ao estimado professor Maurício José d'Escragnolle Cardoso, por me incluir em seus grupos de estudo e sempre abrir novas perspectivas para minhas perguntas e inquietações. E, acima de tudo, por me orientar de forma cuidadosa e criteriosa durante todo o desenvolvimento deste trabalho de dissertação.

À Rosane Zétola Lustoza, pela generosidade em me aceitar como orientanda ao final deste percurso.

Ao meu prezado analista Pêrsio Pereira Guimarães, que vem me acompanhando todos estes anos e que sabe o quanto este trabalho de dissertação também teve consequências no trabalho da minha análise.

Aos colegas que conheci durante o mestrado e que se fizeram importantes e indispensáveis para mim: Ana Lizete, Josmeri, Iara, Caroline e Paola.

Ao meu sempre amigo Sady, pela troca de ideias.

À minha família: Arnaldo, Ivelice e Mariana que sempre acreditaram em mim, me estimularam e me apoiaram, além de suportarem minhas incertezas.

À minha mãe Maria, por ter despertado minha curiosidade pelo que continham os livros, desde minhas primeiras lembranças, e ao meu pai Artur por me ensinar a amar, recitar e ouvir poemas antes de adormecer (*in memoriam*).

RESUMO

O presente trabalho visou, em geral, investigar o conceito de repetição em psicanálise e, particularmente, buscar a maneira pela qual o tema da repetição aparece e se desdobra na obra de Freud desde os escritos pré-psicanalíticos até 1920, momento em que ele inaugura a segunda tópica. É um conceito cujo estatuto ético só encontra lugar na clínica psicanalítica, uma vez que é necessário um sujeito que fale. Freud o isolou em 1914, e o precisou em 1920, como sendo um fenômeno do funcionamento psíquico. Na psicanálise, os conceitos circunscrevem operações práticas. No entanto, para que Freud pudesse definir e dar o devido lugar à compulsão à repetição como conceito, precisou primeiramente aprofundar os outros três, que junto a ele perfazem o fundamento da psicanálise: a transferência, a pulsão e o inconsciente. Ficou confirmada que a repetição teve sua entrada na psicanálise pelo sintoma, ou seja, o que se repete está ligado ao sintoma. Mas foi ao encontrar em seus analisantes o além do princípio de prazer contrariando o princípio de prazer que Freud se deparou com o imperativo da compulsão à repetição vinculado à pulsão de morte, o que resultou em consequências para a doutrina analítica. A partir daqui a repetição deixa de ser um obstáculo à cura e a psicanálise se torna o tratamento do que se repete.

Palavras-chave: Sintoma. Transferência. Pulsão. Inconsciente. Retorno.

ABSTRACT

This work's aim was, in general, to investigate the concept of repetition in psychoanalysis and, in particular, to assess the way in which the topic of repetition appears and is unfolded in Freud's works since the pre-psychoanalytic writings up until 1920, when he inaugurates his second model of the psychic apparatus. It is a concept with an ethical status that can only take place in the psychoanalytic clinic, since it requires a speaking subject. Freud isolated it in 1914, and made it more precise in 1920 as a phenomenon of the functioning of the psyche. In psychoanalysis, concepts circumscribe practical operations. However, in order to give a definition and a proper place to the compulsion to repeat as a concept, Freud first had to further elaborate three other concepts that along with it establish the foundations of psychoanalysis: transference, drive and the unconscious. We confirmed that repetition made its entrance in psychoanalysis by way of the symptom, that is, what repeats is linked to the symptom. But it was through finding in his analysands that which is beyond the pleasure principle, contradicting the pleasure principle, that Freud came across the imperative of the compulsion to repeat as linked to the death drive, which had consequences for the analytic doctrine. From this point onwards repetition ceases to be an obstacle to the cure and psychoanalysis becomes the treatment of that which repeats.

Keywords: Symptom. Transference. Drive. Unconscious. Return.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DOS ANTECEDENTES	13
2.1 A TRANSFERÊNCIA.....	23
2.2 A PULSÃO.....	29
2.3 O INCONSCIENTE	40
3. DA REPETIÇÃO PROPRIAMENTE DITA	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	75

1. INTRODUÇÃO

O interesse em investigar e formalizar o conceito de compulsão à repetição em psicanálise possui sua origem nos impasses da prática analítica e nas indagações que ele impõe, uma vez que a temática da repetição acompanha todos os passos de uma análise e, se ela não for levada em conta, torna-se inviável uma direção de cura. É um conceito cujo estatuto ético só encontra seu lugar na clínica psicanalítica, uma vez que é necessário um sujeito, e só há sujeito quando se fala em uma análise. É interessante constatar, no entanto, que onde este repete ele não diz eu. Além disso, não consegue se lembrar, mas não consegue parar de tentar. Nesse sentido, acredita-se ser possível, por um lado, remontar a origem do conceito de repetição até a própria descoberta freudiana do inconsciente e à fundação da prática clínica psicanalítica e, por outro, reencontrar Freud no final de sua elaboração ainda discutindo a natureza e as consequências clínicas da repetição. Em outras palavras, podemos encontrar o problema da repetição atravessando a totalidade de sua obra. Assim sendo, tal questão deve necessariamente constituir um de seus temas ou conceitos mais fundamentais.

No entanto, em Freud, é um conceito que só aparece, de maneira nominal, tardiamente em suas elaborações. Ele o isolou em 1914, e o precisou em 1920, como sendo um fenômeno do funcionamento psíquico - a compulsão à repetição. Este trabalho se propôs, então, começar encontrando *in statu nascendi* e no percurso de Freud os antecedentes da descoberta e da formalização deste conceito, para em seguida percorrer a maneira como ele se desdobra na teoria psicanalítica freudiana. Começaremos rastreando quais elementos estavam envolvidos e se aparecem em germe, em estado rudimentar no início de sua obra, os vestígios do que se constituirá como compulsão à repetição, para continuarmos a partir daí a seguir sua construção definitiva.

Instituímos como uma baliza fundamental o fato de que a compulsão à repetição seja, segundo Lacan, um conceito fundamental para a teoria psicanalítica, algo criteriosamente justificado por ele no *Seminário Livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais* (1964). Para tanto, tomou-se assim como orientação de pesquisa a ideia presente na orientação de Lacan de que são os fundamentos que formam a

teoria e que compõem uma espécie de topologia conceitual que, apesar das diferenças e especificidades próprias e irredutíveis de cada um dos conceitos fundamentais, permanecem enlaçados em uma estrita dependência uns dos outros para exercer uma função comum. Os conceitos fundamentais da psicanálise (dentre os quais situamos a repetição) formam, portanto, um nó impossível de desatar, sob pena de se sair do discurso analítico. Um nó, portanto, exigido pela prática clínica.

A investigação psicanalítica, desde sua origem, foi impulsionada pelo que acontecia na clínica e, sendo assim, sua característica essencial sempre esteve subordinada a esta articulação da teoria com a prática. Freud, como investigador, parte da experiência para o conceito com o qual, em seguida, retorna então para a sua prática. Ele não só construiu seu método a partir dos impasses da clínica, como nunca se absteve de reformular sua teoria. Assim, teoria, prática e pesquisa permaneceram sempre complementares. Ou, como diz Freud, no artigo *Dois verbetes de enciclopédia*:

PSICANÁLISE é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1922-1923/1980, p. 287).

Quando, tendo isto em mente, realizamos a leitura do *Resumo do Seminário 11* de 1964, nos *Outros Escritos*, vemos que Lacan enuncia os quatro conceitos que situam o fundamento do discurso analítico, em um esforço “para redefinir cada um deles e mostrá-los atados pela topologia que os sustenta em uma função comum” (LACAN, 2003, p.195). Com isso, notamos então que tais conceitos permanecem, como dissemos anteriormente, em uma íntima associação. Algumas perguntas foram, a partir desta observação de Lacan, postas:

1. Porque Lacan eleva a repetição à categoria de conceito – ao lado dos três outros que ele também nomeia de ‘fundamentais’: os conceitos de inconsciente, de pulsão e de transferência – e isso, sobretudo, se nos lembramos que este conceito só foi expresso formalmente nas elaborações de Freud apenas a partir de 1914? Isto é, como é possível que um fundamento somente apareça depois e após o fundado?

2. E se o conceito vai se modelando por aproximação a uma realidade que se quer apreender - a realidade da clínica -, como e quando ele adquire este estatuto de conceito fundamental em Freud?
3. Ainda, se um conceito se refere a uma ficção necessária dentro de um campo teórico específico e não a uma entidade ontológica que ele simplesmente venha nomear, como este conceito precisou ser encontrado na prática psicanalítica?

Neste sentido, usaremos esta consideração de Lacan, a qual nos referimos anteriormente, de que a repetição, por um lado, constitui um dos conceitos fundamentais da psicanálise e, por outro, que tais conceitos se enodam de maneira essencial, como um princípio que orientará o tratamento de nosso tema e a organização de nosso percurso de análise do conceito.

Assim fazendo, não acreditamos que a referência ao dito de Lacan sobre a questão do sentido e da estrutura do conceito de repetição violenta ou traia o que podemos encontrar em Freud ele mesmo. Na verdade, é exatamente o contrário disso, pois o comentário de Lacan apenas põe em primeiro plano a formação de um conjunto conceitual que une e amarra todas as ocorrências do problema da repetição em Freud. Neste sentido, a questão da repetição enquanto conceito fundamental é indissociável na própria obra de Freud dos três outros conceitos fundamentais da psicanálise.

Desta forma, por exemplo, em seu artigo *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), encontramos sua afirmativa de que a pulsão se constitui em um conceito fundamental: *Grundbegriff*. Também é no artigo *Além do princípio do prazer* (1920) que Freud avança e complementa seus achados em torno da pulsão. Encontra que toda pulsão, em última instância, é pulsão de morte, pois seu objetivo não é repetir o mesmo padrão fixado na tentativa da auto conservação, como acontece com o instinto, mas sim, como força não domesticada, produzir formas complexas. Reformula, com isso, a dualidade pulsional e evidencia o caráter conservador das pulsões – uma disposição que responde aos imperativos de satisfação. Encontra, desta forma, que a repetição não diz respeito somente ao recalcado, mas, sim, aponta para outra dimensão estrangeira, fora do sexual.

Freud se refere agora à “compulsão à repetição”, a rememoração de experiências infantis onde se despreza o princípio do prazer e o que se visa é restaurar um estado anterior. É a pulsão, que insiste e se repete, procurando apaziguar a tensão inerente à vida: “a expressão da inércia inerente à vida orgânica” (FREUD, 1920/1980, p. 54). Neste artigo, Freud mostra a pulsão em sua relação estreita, seu enlaçamento, com a (compulsão à) repetição. Aliás, é pela repetição a única maneira de se saber da pulsão, uma vez que o seu lugar é de silêncio. Podemos entender com o trecho anterior uma característica essencial envolvida na topologia dos conceitos fundamentais em psicanálise, e que indica uma forma de entrelaçamento bastante peculiar a eles. Notemos que Freud sugere que a repetição não se confunde com a pulsão, mas é inseparável daquela.

O mesmo se aplica à relação da repetição com respeito aos outros conceitos fundamentais. Neste caso, um segundo exemplo disso se encontra na transferência. Em mais de uma ocasião lera também em Freud que “a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (FREUD, 1914/1980, p.197). Aliás, foi a propósito da experiência da transferência que Freud abordou pela primeira vez o tema da repetição, reconhecendo-a na transferência. Mas, como observa Lacan no *Seminário 11*, no entanto, “o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência” (LACAN, 1985, p.36). Parece que ambos os autores estariam certos! De fato, o processo que funda a relação analítica é, sem dúvidas, a transferência, sendo necessária sua instalação pelo paciente para dar início ao tratamento e para que nela, a partir daí, algo possa se apresentar como repetição. Mas, tampouco a identidade do conceito de repetição, como assinala Lacan, pode simplesmente se confundir com a transferência, sob risco de esta última perder sua especificidade. A solução nos parece compreender então de que maneira os conceitos em questão estão enlaçados, sem que um se esgote no outro. Então, o que é o mais próprio da repetição se ela está associada com a transferência sem, entretanto, a ela se reduzir?

Por último – encontrando mais uma vez este estranho entrelaçamento entre os conceitos fundamentais da psicanálise –, temos que reconhecer também que o conceito de repetição não pode ser confundido com o conceito de inconsciente com

o qual, entretanto, está também intimamente associado. Lacan, no *Seminário XI*, esclarece que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1985, p.25), o que quer dizer que existem linhas de forças iniciais que determinam, estruturam e modelam as relações humanas. A natureza fornece o suporte para a rede de significantes, mas é sua estrutura que confere o estatuto ao inconsciente, muito antes mesmo do sujeito se reconhecer nesta conta. É nessa estrutura que o sujeito se encontra interessado no campo do inconsciente, e neste campo ele está em casa. Lacan aponta que a rememoração é uma necessidade da estrutura significativa e que a função do retorno, *Wiederkehr*, é essencial, mas que “não é apenas o *Wiederkehr*, no sentido do que foi recalcado – a constituição mesma do campo do inconsciente se garante pelo *Wiederkehr*” (LACAN, 1985, p.50). Pode-se dizer que se o retorno é um princípio inerente à constituição e ao funcionamento psíquico. O retorno é uma característica, portanto, do inconsciente, então a repetição também está incluída neste princípio, apenas acerca do que devemos igualmente estar atentos que ela não pode ser confundida com aquele.

Tomando o que dissemos em consideração, a primeira parte deste trabalho, portanto, pretende investigar em sua origem, *in statu nascendi* e no percurso de Freud, os antecedentes da descoberta e da formalização do conceito de compulsão à repetição, ou seja, como ela se faz e se desdobra na teoria psicanalítica. Para esta finalidade, tomou-se os artigos pré-psicanalíticos compreendendo o período de 1886-1899. Na segunda parte, investigou-se alguns artigos fundamentais de Freud incluídos na primeira tópica, por trazerem aportes teóricos e clínicos para a formalização deste conceito. Para isso, decidimos mostrar a maneira como o atributo da repetição se apresenta nos outros conceitos fundamentais: pulsão, inconsciente e transferência, sem contudo se confundir com eles. São desdobramentos necessários que mostram o avanço do pensamento de Freud quanto a esta temática. Por fim, buscamos encontrar o mais particular do conceito de compulsão à repetição, algo que a nosso ver inaugura a segunda tópica e que será apresentado, portanto, na última parte de nossa dissertação.

Esta tarefa se propôs aceitável e exequível porque se sabe que o movimento de Freud é sempre um retorno aos temas e questões da psicanálise, abrindo novas articulações e perspectivas.

2. DOS ANTECEDENTES

Neste capítulo, se pretendeu investigar o conceito de compulsão à repetição em psicanálise e, particularmente, buscar a maneira pela qual o tema da repetição aparece no período da obra freudiana anterior à publicação d'*A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/1980) em 1900. Rastrear quais elementos estavam envolvidos e se aparece em germe, em estado rudimentar, isto é, os vestígios do que se constituirá como compulsão à repetição na teoria. Para essa finalidade, foram investigados os artigos pré-psicanalíticos compreendendo o período de 1886 a 1899.

Freud iniciou seu caminho de elaboração da psicanálise pelo sintoma. Nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* ele afirma que “a trajetória conduziu dos sintomas ao inconsciente, à vida dos instintos e à sexualidade” (FREUD, (1933[1932])/1980, p.75), isto é, foi o estudo e a observação dos sintomas que lhe permitiram a descoberta dos mecanismos do inconsciente e as relações do desejo com a linguagem. De fato, uma psicanálise consiste em uma intervenção que permite ao sujeito falar, sendo mesmo nesse movimento de falar que ele constitui seu desejo. Desde então, é o que acontece quando se procura uma análise. É sempre pelo sintoma.

Pode-se afirmar, portanto, que a repetição também teve sua entrada na psicanálise pelo sintoma, ou melhor, o que se repete está ligado ao sintoma. Nesse sentido, poderíamos talvez afirmar que os *Estudos sobre a histeria* (1893-95) versam, em última instância, sobre a maneira como Freud na época buscava, por um lado, identificar a relação existente entre o sintoma e a repetição – um problema, para Freud, de ordem etiológica. Por outro, buscava determinar o modo de incidência do tratamento sobre aquela relação.

Para entendermos tal consideração, é importante lembrarmos que Freud considera que foi na investigação acerca da etiologia dos sintomas desta neurose (que na época se apresentava como a mais enigmática das doenças nervosas, em consequência de seus graves sintomas) que ele deparou-se com um método terapêutico o qual se revelou relevante para sua prática. Diz ele:

(...) verificamos, a princípio para nossa grande surpresa, que cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhava, e quando o paciente havia descrito esse acontecimento com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras (FREUD, 1893-1895/1980, p.253).

Essa foi a primeira fase da técnica terapêutica, a fase da catarse, baseada em um método exploratório para tornar claros os caminhos obscuros do inconsciente. O tratamento consistia na eliminação do sintoma por meio da descarga do excesso de excitação (ab-reação) que não encontrou saída adequada no funcionamento psíquico. Freud tem a certeza de que somente ao trazer à consciência este acontecimento que originou o referido distúrbio a sintomatologia poderia ser tratada.

É interessante observar como desde o início a prática clínica esteve sempre norteada pela indagação sobre o que o neurótico recorda e sobre o que ele esquece. Depende e utiliza, neste então, do artifício da hipnose para descobrir as representações patogênicas que se opõem a se tornarem conscientes. Neste estado, a memória retorna e apresenta o que não é acessível no estado de vigília – trazer à consciência as lembranças traumáticas. A sugestão se fazia o ponto central do método, pois permitia remover as ideias que não sofreram ab-reação do afeto, seja revivendo o trauma ou trazendo-o para o plano da consciência, produzindo a sua correção. Freud afirma que “consiste em dar ao paciente sob hipnose uma sugestão que contem a eliminação do distúrbio em causa” (FREUD, 1888/1980, p.81).

De fato, a hipnose foi essencial na história da psicanálise e não pode ser separada de seu nascimento. Vê-se a recorrência do tema de um tratamento cujo efeito terapêutico consiste em fazer cessar, fazer parar, algo que insistentemente perturba e gera sofrimento. Tratar aqui, para Freud, aparece como uma forma de fazer apagar aquilo que, por ser contínuo, torna-se insuportável. Freud e Breuer postulavam, nessa época, que o sintoma histérico estava referido a uma ocasião psíquica traumática, ou melhor, a um acontecimento inscrito na história do paciente do qual ele não consegue se recordar conscientemente. Estas lembranças se referiam a experiências que trouxeram um aumento inesperado de excitação psíquica, provocando um excesso ao qual o sujeito não consegue reagir e não pode assimilar, seja por desgaste ou esquecimento.

Freud deu início às suas investigações pela histeria e foi sua insistência em obter do paciente as lembranças patogênicas que o levou à descoberta das características essenciais da histeria e o que a distinguiu das outras neuroses. Como consequência, obteve a ampliação de sua compreensão dos processos mentais, levando-o a modificações em seu método. Mais tarde, tendo encontrado que as causas estavam localizadas na pré-história psíquica da doença, estendeu seus achados também para as outras neuroses. O elemento central, constante e essencial de um “recorrente” ataque histérico fica referido a uma lembrança, a revivescência alucinatória de uma cena, e a um estado psíquico que o paciente já experimentou anteriormente que retorna e se atualiza, agora desencadeando a neurose.

A causa, portanto, é uma lembrança, ou melhor, recordações subjacentes aos fenômenos histéricos que não estão acessíveis à memória do paciente. Ao se encontrar com uma lembrança incompatível, ou seja, de natureza aflitiva, que lhe desperta afetos de vergonha, de autocensura e de dor psíquica, o eu emprega uma força de repulsão para se defender da representação dolorosa. E consegue sucesso, mediante um grande esforço psíquico e repressão laboriosa, afastando a representação para fora da consciência e da memória. Mas, no momento da disposição à histeria, é ela que se impõe em primeiro plano e tem acesso à inervação somática.

Freud percebeu que, quando instava em dirigir a atenção do paciente para a representação recalcada, encontrava, sob a forma de resistência, a mesma força que atuara na expulsão e recalcamiento da memória conflitante. Donde conclui que “(...) a representação se tornara patogênica precisamente em consequência de sua expulsão e de seu recalcamiento” (FREUD, 1893-1895/1980, p.265). Não era uma lembrança esquecida que aflorava, mas sim uma representação que se configurava como um elo intermediário entre as lembranças, sugerindo o ponto de partida e o caminho para novas intervenções. Além disso, verificou que a resistência se manifesta com bastante frequência no esquecimento total pelo paciente do compromisso assumido de dizer a lembrança que lhe vier à mente. Passa então a utilizar o artifício de fazer uma pressão sobre a testa do paciente e de lhe assegurar que, assim procedendo, a lembrança se lhe apresentará, cabendo-lhe comunicá-la sem qualquer censura. Nesta época, Freud admite que já não faz uso da hipnose da

mesma maneira e que, por exemplo, no caso de Elizabeth Von R. (1892-1893), utiliza o método catártico, mas já independente da sugestão.

Neste sentido, primeiramente, postula que nas pessoas que apresentam disposição histérica um afeto pode originar uma divisão no conteúdo da consciência, chamado estado hipnóide, produzindo a formação de grupos psíquicos separados. Mais tarde, no artigo *As neuropsicoses de defesa* (FREUD, 1894/1980), ele abandona essa concepção, fruto de seus trabalhos com Breuer e Charcot, e afirma sua teoria. O conteúdo é sempre um trauma psíquico, aqui entendido como o encontro com o sexual. Ou, como ele afirma na *Carta 18*, “o que é rechaçado é sempre a sexualidade” (FREUD, 1892-1899/1980, p.210).

Isso causa uma divisão cujo resultado é um esforço voluntário do eu do paciente na tentativa de resolver uma contradição, uma ocorrência incompatível, seja uma representação, uma experiência ou um afeto que suscitou outro afeto tão aflitivo que ele decide eliminá-lo pelo esquecimento, ou seja, pelo recalque. Trata-se de uma defesa constante contra as representações sexuais que “teimam em emergir”, que “insistem”, recorrendo para tanto aos caminhos abertos pela sua própria interdição. Os caminhos divergentes do afeto e da representação prenunciam a natureza do inconsciente e do recalque que serão tratados posteriormente, desde a interpretação dos sonhos até seus artigos metapsicológicos.

Sua prática agora consistirá em superar, através do trabalho psíquico, essa resistência contínua do paciente à associação sem, no entanto, desconsiderar as dificuldades. Freud reconhece que são diversas forças (com diferentes intensidades) que estão envolvidas, mas coloca em relevo a existência de uma particular força psíquica: uma aversão por parte do eu em trazer para a memória e para a consciência as representações patogênicas. Pergunta-se ele:

Uma nova compreensão pareceu abrir-se ante meus olhos quando me ocorreu que esta sem dúvida deveria ser a mesma força psíquica que desempenhara um papel na geração do sintoma histérico e que, na época, impedira que a representação patogênica se tornasse consciente. Que espécie de força poder-se-ia supor que estivesse em ação ali, e que motivo poderia tê-la posto em ação? (FREUD, 1893-1895/1980, p.264).

Argumenta que toda impressão psíquica dispõe de uma carga de afeto (*Affektbetrag*) e que o eu cuida de desfazê-la de acordo com a tendência do

princípio da constância - de manter constante a quantidade de excitação. Mas quando a lembrança de impressões causa um aumento excessivo da excitação e o eu se torna incapaz de dissipar o afeto excedente, seja pela reação motora adequada ou de realizar sua liberação pela atividade psíquica associativa, a impressão permanece inconsciente, tomando a importância de um trauma e tornando-se a origem de sintomas permanentes. Aliás, Freud nunca abandonou esta concepção do princípio da constância. Observemos os termos empregados por ele no *Rascunho K* anexado à carta a Fliess em primeiro de janeiro de 1896: “existe uma tendência normal à defesa - uma aversão contra dirigir a energia psíquica de tal maneira que daí resulte algum desprazer. Essa tendência, que está ligada às condições mais fundamentais do funcionamento psíquico (a lei da constância)” (FREUD, 1892-1899/1980, p. 241). A passagem do *Rascunho K* nos remete agora aos termos que ele emprega no artigo *Além do princípio do prazer*, onde diz: “o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixo quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante” (FREUD, 1920/1980, p.19).

Mas voltemos aos textos pré-psicanalíticos. No artigo *Resposta às críticas a meu artigo sobre neurose de angústia* (FREUD, 1895/1980) Freud esclarece que a ocorrência de uma neurose depende da carga total que o sistema nervoso consegue suportar, podendo sofrer mudanças quantitativas, seja aumentando, seja diminuindo: “Tudo o que consegue manter esse fator quantitativo abaixo de certo valor limítrofe ou restituí-lo a esse nível tem um efeito terapêutico, já que, assim fazendo, mantém a equação etiológica insatisfeita” (FREUD, 1895/1980, p.131). E continua: “a forma que a neurose assumirá – a direção a ser tomada pelo desvio – é determinada exclusivamente pelo fator etiológico específico procedente da vida sexual” (FREUD, 1895/1980, p.132).

Em 1896, Freud encontrou uma etiologia comum para todas as neuroses, o recalque de uma experiência sexual no período pré-histórico da vida infantil. Enfatiza que aí se acha a fonte do inconsciente e se caracteriza por uma amnésia, sendo esta a condição essencial para se criar e manter os sintomas. Mas, cabe dizer, não de imediato, pois elas só executam sua ação patogênica quando despertadas na puberdade. Freud ainda esclarece que se uma criança teve os genitais excitados por alguma pessoa em um período de imaturidade sexual, seja de

forma ativa ou passiva, esta lembrança de “sedução” produzirá efeitos de excitação nos órgãos sexuais e constituirá o núcleo do mecanismo causador da doença, exercendo influência determinante na escolha da neurose e na forma que ela vai assumir. Estas experiências e o caráter destas cenas atuam de modo traumático e mantêm a força necessária para serem reproduzidas na vida psíquica sob a forma de símbolos mnêmicos.

São estes, os símbolos, testemunhas da história da origem da doença. E depois, quando sua lembrança é despertada na maturidade, ela adquire um efeito de liberação sexual muito mais intensa do que o da experiência do evento. Encontra-se aqui uma relação invertida entre a experiência real e a lembrança. A lembrança do trauma sexual infantil se “atualiza”, se repete como se fosse um evento contemporâneo, mas sua atuação adiada se faz inconscientemente. Está posta aqui a pré-condição para o recalçamento e de sua relação com a repetição. O recalçamento da lembrança só ocorre quando uma experiência atual aflitiva ativa o traço de um trauma infantil: “*A lembrança atua como se ele fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual*” (FREUD, 1896/1980, p.146). Eis aí, nesta expressão de “ação póstuma”, um dos antecedentes daquilo que abrirá um caminho para a reflexão freudiana sobre a compulsão à repetição.

Desta maneira, diante de uma lembrança aflitiva, ou seja, de um conflito psíquico, o eu detona uma defesa e realiza um recalçamento, no que uma representação incompatível se vincula com uma experiência infantil e é jogada para fora da consciência, criando um sintoma em seu lugar. Portanto, os sintomas são determinados pelo conteúdo do que foi recalçado. O recalçamento é uma defesa contra as lembranças aflitivas e o “retorno” do recalçado significa um colapso da defesa originalmente alcançada. Isso é justamente o que Freud nomeia como a “ação póstuma”. Realiza-se um compromisso entre as forças recalçadas e as forças recalçadoras. A histeria realiza o recalque pelo método de inervação somática e a neurose obsessiva pelo método da substituição por lembranças nada patogênicas. Tendo em vista as precondições existentes na patogênese de toda neurose, não se pode falar em acaso. A escolha do distúrbio nervoso e a forma/desvio que tomará são determinadas pela etiologia específica de cada neurose.

Freud sugere então agrupar todas as neuroses sob a denominação de “neuroses de defesa”. Esta ideia de defesa, que posteriormente ele vai chamar psiconeuroses de recalque, vai tomando cada vez mais consistência em suas elaborações e recebe as primeiras considerações efetivas. Sabemos da importância do recalque para a teoria psicanalítica. Freud mesmo declara em 1914, no artigo *A história do movimento psicanalítico*, que a teoria da repressão (*Verdrängung*) “é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (FREUD, 1914/1980, p.26).

No *Rascunho K* de 1896, Freud destaca que o específico de cada uma das neuroses é determinado pelo modo como se realiza o recalque, mas que existe uma espécie de fórmula, uma arquitetura que é sempre a mesma, para descrever o rumo tomado pela doença nas neuroses de recalque:

1-a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e deve ser recalcada. 2- seu recalque em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário. 3- um estágio de defesa bem sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto à existência do sintoma primário. 4- o estágio em que as idéias recalcadas retornam e em que durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjugado, ou de recuperação com uma malformação (FREUD, 1892-1899/1980, p. 243).

São necessários, portanto, estágios, sequências em um traçado que comporta vários passos para o desenvolvimento de uma neurose: um primeiro estágio em que uma experiência primária de ordem sexual foi percebida como prazer e foi recalcada, e é somente no quarto estágio, com o retorno do recalcado, que se constituirá a doença propriamente dita. É indispensável um intervalo, ou seja, que a puberdade se interponha entre a experiência e a repetição na lembrança. O elemento tempo está posto aí, mas um tempo distorcido, pois agora se trata do “retorno” do recalcado também modificado em seu conteúdo (em uma ação contemporânea que se realiza através de um sucedâneo escolhido, ou seja, uma substituição). Reconhece que a chave para descobrir a formação e retorno de todos os sintomas neuróticos encontra-se no processo em ação na vida mental do indivíduo: conflito, recalque e substituição envolvendo uma conciliação. Pode-se afirmar, portanto, que para haver repetição é necessária que esteja posta esta estrutura determinada e determinante exposta por Freud, e que é somente no

retorno do recalçado, no quarto estágio, ou seja, no sintoma propriamente dito, que está posta a repetição. E que sem a repetição não há sintoma.

No artigo *Um caso de cura pelo hipnotismo* (FREUD, 1892-93/1980) Freud salienta que foi no caso de Frau Emmy Von N que pela primeira vez conseguiu observar a origem dos sintomas histéricos, mediante a contra vontade. A ideia antitética produziu uma inervação do corpo, que permaneceu ‘fixada’ por muitos anos depois da repetição da mesma sucessão de fatos. Neste ponto do texto, Strachey, tentando compreender o sentido deste “fixado” proposto por Freud, faz um comentário salientando o quanto a “fixação” e “regressão” possuem a mais estreita relação entre si. Afirma que para a psicanálise a fixação se refere a uma parada no desenvolvimento, com dois empregos – fixação de uma pulsão a um objeto e fixação de uma pulsão em determinado ponto do desenvolvimento. Esclarece que “esses dois empregos correspondem aos dois tipos de regressão temporal descritos no Apêndice A do projeto” (FREUD, 1892-93/1980, p.144). O que ficou fixado são sempre lembranças de eventos sexuais infantis. É pela natureza sexual do evento e sua ocorrência em uma fase prematura que se determina o recalçamento. É essa lembrança fixada que se atualiza, mas de maneira inconsciente.

Ele admite que não é fácil encontrar o vestígio psíquico desta primeira marca indelével, uma vez que a cadeia de associações, tendo sempre muitos elos, se ramificando e se interligando, faz com que muitas experiências entrem em operação como lembranças. Sem deixar de levar em conta que o paciente apresenta uma enorme resistência neste trabalho. Mas, uma vez vencida a resistência, encontramos em uma ordem cronológica invertida estas lembranças fielmente preservadas que emergem do campo da experiência sexual infantil e cujos vestígios estão presentes nos sintomas, sendo esta a precondição etiológica e a base sobre a qual está construída a teoria das neuroses.

É interessante observar que, mais tarde, em 1900, Freud dedicará todo um capítulo em seu livro *A Interpretação de Sonhos (continuação)* (FREUD, 1900/1980) para tratar da regressão e destacar que ela desempenha uma importante função, não somente nos sonhos. É uma característica essencial também na formação dos sintomas neuróticos, e mais ainda em todos os processos psíquicos. Mas, neste artigo, referindo-se aos sonhos, assinala que neles a excitação se move em direção retroativa, ou seja, possui um caráter regressivo, “retornando de um ato complexo de

representação para a matéria-prima dos traços subjacentes” (FREUD, 1900/1980, p. 497). Classifica então a regressão em: temporal, formal e tópica. A regressão temporal, concernindo mais estreitamente aos casos clínicos, uma vez que registra a trajetória do retorno às antigas lembranças psíquicas, se refere tanto ao retorno a um objeto libidinal primitivo como ao retorno a modos anteriores de funcionamento. A regressão formal é “onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais” (FREUD, 1900/1980, p.501). A regressão tópica é recolhida da contribuição dos estudos da histeria, que registra o percurso dos processos psíquicos entre a extremidade perceptiva e a motora. Neste caso, a excitação retrocede no sentido da extremidade perceptiva. E Freud conclui que “no fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem uma só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva” (FREUD, 1900/1980, p. 501).

Acreditamos que a regressão está estreitamente ligada à repetição e que tudo que se repete regride, sendo a regressão talvez uma forma de Freud abordar ou compreender a forma temporal da repetição. Freud apresenta a regressão como um processo que desempenha uma importante função, sendo uma característica essencial de todos os processos psíquicos, ou seja, um processo em que a excitação se move em direção retroativa. Possui caráter regressivo, mas mantendo sua capacidade de “atualização” (ou seja, aquilo que regride não desaparece, ao contrário, se manifesta). Pode-se, portanto, dizer que regressivo é o tempo da repetição e que a repetição e a regressão possuem a mais estreita correlação clínica, uma vez que só há repetição a partir do trauma, uma fixação a um traço que causou prazer e é pela natureza sexual do evento e de sua ocorrência em uma fase prematura o que determinou o recalçamento. Essa lembrança de eventos sexuais infantis que ficou fixada se atualiza, mas de maneira inconsciente, regressiva, em um fenômeno de cunho repetitivo como um sintoma. Cabe aqui assinalar, que Lacan no *Seminário livro 11* (LACAN, 1985) dirá da transferência que ela é a “atualização” da realidade do inconsciente, que é de cunho sexual. Mas sabemos que a repetição não se esgota no conceito de transferência também.

Continuemos nos textos pré-psicanalíticos, na *Carta 69*, datada de 21 de setembro de 1897 onde Freud, desanimado, confia a Fliess que já não acredita na

sua teoria das neuroses, apesar de reconhecer que são resultados de um trabalho intelectual honesto e esforçado. Deixa claro que não obteve uma compreensão teórica do recalque e de sua inter-relação de forças e que tem dúvidas a respeito da teoria da etiologia traumática das neuroses. Somente mais tarde, com a descoberta da natureza dinâmica dos ímpetus pulsionais sexuais presentes na infância e de que as fantasias atuam com toda a força das experiências sexuais, ele poderá esclarecer melhor o recalque.

Nesta época, Freud ainda atribuía uma grande importância à realidade da sedução das crianças pelos adultos e também não tinha descoberto o valor da fantasia para a infância, assim como sua relação com as recordações reais. Embora já levasse em conta a fantasia, ainda lhe faltavam elementos essenciais do que virá a desenvolver posteriormente, por volta de 1919, no artigo *Uma criança é espancada*. Vejamos o que ele diz da fantasia na *Carta 52* de 1896, que diz respeito ao ataque histérico. Ele afirma que “o ataque histérico não é uma descarga, mas uma ação; e conserva a característica original de toda ação – ser um meio de reprodução do prazer” (FREUD, 1892-1899/1980, p.259) e que na estrutura da histeria existem lembranças às quais só se consegue chegar por meio das fantasias.

Freud descreve as fantasias como tendências que impedem o acesso a lembrança de onde se originaram os sintomas, e são construídas a partir de uma combinação inconsciente de amálgama e distorção da memória, tornando impossível estabelecer a conexão original, uma vez que desconsideram qualquer relação cronológica. Ele declara na *Carta 61* de 1897 que “as fantasias derivam de coisas que foram ouvidas, mas só compreendidas *posteriormente*, e todo o seu material, naturalmente, é verídico” (FREUD, 1892-1899/1980, p.267).

Foi somente em 1898, no artigo *A Sexualidade na etiologia da neurose* (FREUD, 1898/1980), que Freud confessa finalmente ter elaborado o seu método, chamando este processo terapêutico de método psicanalítico, o qual permite tratar as neuroses. Declara que partiu do método catártico introduzido por Josef Breuer, mas depois rompeu definitivamente com a sugestão com ou sem hipnose. Pode-se dizer que, ao se separar de Breuer e de seu método catártico, Freud passou a confiar cada vez mais na associação livre, abrindo o caminho para o inconsciente e se fazendo indispensável a análise de seus sonhos para descobrir o Édipo e a sexualidade infantil.

DOS OUTROS TRÊS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Neste segundo capítulo, a ideia norteadora, continuou sendo acompanhar Freud em seu percurso e em suas elaborações até culminar com a formalização do conceito de compulsão à repetição. Para esta finalidade, tomou-se alguns artigos fundamentais incluídos na primeira tópica, por entendermos que eles trazem aportes teóricos e clínicos essenciais, além de mostrarem o avanço e os desdobramentos necessários do seu pensamento quanto a esta temática. Freud precisou investigar a relação da repetição com os outros três conceitos fundamentais: a transferência, a pulsão e o inconsciente, para finalmente encontrar o que lhe era mais particular.

2.1A TRANSFERÊNCIA

O artigo *Recordar, repetir e elaborar* (1914) se constitui, dentre os escritos técnicos de Freud, o mais importante para este trabalho de dissertação, uma vez que nele é tratado o impasse da repetição na clínica analítica, aquilo que cria diversos obstáculos ao trabalho de análise, culminando, muitas vezes, em situações extremas— o analisante rompe, em um ato de repetição, os laços que o mantinham ligado ao tratamento. Interessa a Freud esclarecer a relação da noção de repetição com a transferência e a resistência, ou seja, o modo particular como a repetição se apresenta na prática clínica, e de como pela transferência pode-se servir dela. Nele, também, Freud dá forma e estrutura o percurso de uma análise em três etapas: recordar, repetir e elaborar, colocando em destaque, inclusive no título do artigo, o tema da repetição (*Wiederholen*). Também é nele que, pela primeira vez, Freud utiliza a ideia de compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*) lhe atribuindo um lugar relevante na teoria e na cura analítica. Ele continua buscando a causa do sintoma, ou seja, o evento da lembrança traumática, mas trata a compulsão à repetição como homogênea ao retorno do recaiado e compondo a economia do princípio do prazer.

Neste artigo, Freud assegura, mais uma vez, que o desenvolvimento do método não pode ser separado das conquistas da teoria, ou seja, mantém a

solidariedade clínica e conceitual. Descreve o avanço da técnica e as alterações que o método sofreu desde seus primórdios. Primeiramente, a catarse de Breuer, que consistia em focar o momento de formação do sintoma e buscar os processos mentais implicados na situação e trazê-los à consciência. Nesta época, recordar e ab-reagir com o auxílio da hipnose era o que se visava. Tratava-se de um trabalho dedutivo no qual pela sugestão se alcançava a cura. Em seguida, ele abandona a hipnose e a tarefa então consiste em descobrir no paciente, através da associação livre, o que ele não recordava. O foco nas situações da formação do sintoma e suas associações se mantinham,

(...) mas o elemento da ab-reação retrocedeu para segundo plano e pareceu ser substituído pelo dispêndio de trabalho que o paciente tinha que fazer para ser obrigado a superar sua censura das associações livres, de acordo com a regra fundamental da psicanálise (FREUD, 1914/1980, p.193).

Continuava-se buscando a causa do sintoma, ou seja, o evento da lembrança traumática. Mas neste momento da técnica, cabia ao analista comunicar ao paciente as resistências que impediam a marcha do trabalho e que ele desconhecia. Vencia-se a resistência contra a associação livre pela interpretação e cabia ao analisante o trabalho de recordar. Mas não só: também era necessário reconhecer as resistências para avançar na investigação do ponto de origem do sintoma. Pode-se dizer que se tratava da clínica das resistências. Freud percebe, no entanto, que nem tudo pode ser recordado e que o trabalho de rememoração é limitado, pois encontra uma barreira, um limite que impede o avanço. Colette Soler, em seu livro *La repetición en la experiencia analítica* (2004), sugere que “podemos traduzir com Lacan como um limite à função historizante da palavra analisante e que este limite da rememoração coincide com outro modo de ‘presença do passado’”. (SOLER, 2004, p.18, tradução nossa). É o que veremos na sequência, caracterizado por Freud, como as duas formas de recordar utilizadas pelo analisante no processo da cura.

Chega, finalmente, ao método último, onde não existe mais uma orientação para um fator ou problema determinado. Tudo o que surge na superfície psíquica do paciente tem importância. É neste momento que Freud descobre a repetição que se manifesta na transferência. O eixo e o objetivo de uma psicanálise continuam os mesmos: descritivamente, suprimir as lacunas nas lembranças e dinamicamente,

vencer as resistências oriundas do recalque. E embora a interpretação continue visando identificar as resistências que se opõem ao trabalho, que são desconhecidas do paciente, e trazê-las à consciência, agora o que se procura é o sentido inscrito na causa material, o tempo do passado não lembrado como tal e realizado agora no presente. Pode-se dizer, portanto, que a questão que sempre se colocou para a psicanálise é a amnésia, o que se revela como a pedra angular da clínica. Como conhecer aquilo que foi esquecido, ou melhor, qual o modo usado pelo recalque para retornar?

Para Freud, o sintoma pode se utilizar de duas formas para se fazer reconhecer durante o tratamento, ou seja, são duas as maneiras de recordar de que se utiliza o analisante no processo. Um grupo de processos psíquicos que se refere às lembranças vinculadas com os processos primários e reguladas automaticamente pelo desprazer e o outro grupo, totalmente distinto, regulado pela compulsão à repetição de atos psíquicos internos na transferência. Quanto ao primeiro grupo das lembranças, esclarece que esquecer impressões, cenas e experiências infantis, (ou como se diz, a amnésia infantil) é compensado totalmente pelo que se manteve retido nas lembranças encobridoras, guardiãs do essencial da infância, cabendo à análise saber extraí-las. Não se trata de encontrar um elo entre as lembranças e estabelecer um nexos até a infância. Tem-se que tomá-las e analisá-las como um sonho, um ato psíquico completo, que pressupõe um dizer e se enuncia por um conteúdo manifesto. Possui um caráter visual, a imagem estática, na qual o sujeito está na cena e se vê na cena como em um quadro. A elaboração secundária no sonho se refere às lembranças que encobrem algo, ou seja, as lembranças são todas elas encobridoras, encobrem as lembranças que realmente interessam. Estas lembranças encobridoras que não se atêm a um único conteúdo se fazem pela trama associativa. É um produto da análise, sua matéria é pré-consciente, mas é através delas a única maneira pela qual se recorda aquilo que foi recalcado, aquilo que esteve um dia na consciência. A lembrança recalcada aparece, portanto, nos sonhos, nos atos falhos e no limite das conexões associativas, uma vez que esta é a linguagem do inconsciente: uma cadeia de significantes concatenados, uma trama em que o sujeito está implicado. Apresenta-se como algo que foi destacado da lembrança e que parece não querer dizer nada (uma situação que parece deslocada, algo que está e ao mesmo tempo não está e são fragmentos de

lembranças infantis que provocam uma intensa satisfação). A partir da associação livre, se torna possível construir o que está latente. Não será um fato que será lembrado e sim a questão que está recalcada envolvendo o sexo e a morte. Afinal, o trauma não se caracteriza pela violência e sim pelo que se descobriu do enigma dos sexos.

No que se refere ao

outro grupo de processos psíquicos – fantasias, processos de referência, impulsos emocionais, vinculações de pensamento – que, como atos puramente internos, não podem ser contrastados com impressões e experiências, deve, em sua relação com o esquecer e o recordar, ser considerado separadamente (FREUD, 1914/1980, p.195).

É um grupo oposto ao anterior e nele acontece de ser recordado algum pensamento que nunca foi retido pela consciência, ou melhor, lembranças de eventos que nunca ocorreram e que só aparecem em atos. No entanto, é uma lembrança de suma importância. São experiências precoces da infância, ou seja, é a presença de um passado ignorada pelo analisante e que não foi compreendido na época, uma vez que não se dispunha ainda dos significantes e que mais tarde foram compreendidas e interpretadas pelo sujeito.

Freud esclarece que neste momento da análise, onde as resistências se tornam mais intensas, o analisante se nega a se submeter à regra fundamental:

não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que está repetindo (FREUD, 1914/1980, p.196).

Descobre então no analisante uma compulsão, ou seja, uma obsessão a repetir atitudes infantis, que se tornam evidentes na resistência a recordar, mas que a prática comprova que este fenômeno nada mais é que a sua maneira possível de recordar. Não reproduz como lembrança, o faz com atos, e não de qualquer maneira: repete sem saber que está repetindo, ou melhor, repete para não saber. É um material mudo na memória, mas que se mostra como repetição na transferência. Não se trata de um feito histórico, pois ele, o analisante, o revive com seu ser no

tratamento, substituindo uma neurose comum por uma neurose de transferência com todas as características da enfermidade. Enquanto a transferência é positiva, é possível ter acesso às lembranças recalçadas, mas quando a análise progride e a transferência se torna intensa e hostil, o paciente resiste e abre o caminho para a atuação (*acting out*) o que tem como consequência: quanto maior a intensidade da resistência, mais o analisante substituirá a recordação pela ação. Sob o patrocínio da resistência que determina a sucessão do que será repetido, o analisante repete o que foi incorporado em seu ser emanado das fontes do recalçado: sintomas, fantasias, tendências inúteis, inibições, afetos e traços patológicos de caráter. Repete não como uma lembrança de um evento do passado, mas sim como um acontecimento atual, ou seja, o tempo do passado não lembrado é realizado agora no presente. Repete o fracasso de sua investigação sexual, não se lembra de ter sido rebelde com a autoridade dos pais e se envergonha intensamente de ter sentido e praticado impulsos sexuais que teima em manter secretos, pois teme que sejam descobertos, ou seja, resiste a rememorar algo de cunho sexual.

O conflito recalçado se expressa no âmbito da transferência, de forma que o analisante atualiza o conflito que deu origem ao sintoma e orienta suas representações libidinais para o analista. Uma doença artificialmente produzida pelo tratamento analítico, porém necessária e requer certa margem de tolerância. Trazer à lembrança um fragmento real que o sujeito teima em repetir como algo atual. O passado, portanto, é uma forma atuante e não é tão inócuo assim. Comenta Freud:

(...) logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual (FREUD, 1914/1980, p.197).

Verifica-se, portanto, que a insistência da compulsão à repetição possui estreita ligação com a transferência, embora não a contenha em sua totalidade. Uma não se confunde com a outra, embora estejam intimamente relacionadas. É no campo livre da transferência que o analisante poderá deixar surgir os impulsos ocultos de sua vida anímica que deram origem à enfermidade. Só depois de vencidas as resistências ele se mostrará acessível à intervenção do analista, refreando a compulsão à repetição e transformando-a em um motivo para recordar.

Freud atribui ao manejo apropriado da transferência, ou seja, à utilização da compulsão em um domínio circunscrito, limitando sua ação, como a maneira para tomar a compulsão à repetição como um motivo para se lembrar.

Só quando a resistência está em seu auge é que pode o analista, trabalhando em comum com o paciente, descobrir os impulsos instintuais reprimidos que estão alimentando a resistência; e é este tipo de experiência que convence o paciente da existência e do poder de tais impulsos (FREUD, 1914/1980, p.202).

Na medida em que o analisante se submeta à regra fundamental, falando sem censura tudo que lhe vem à cabeça, que ele avança na análise e supera as resistências adquirindo, então, uma forte convicção, não restando dúvidas quanto a estas lembranças. Para a psicanálise, portanto, pouco importa se o pensamento foi consciente algum dia e foi esquecido ou se nunca foi consciente. Ela não trata a enfermidade como um fato histórico, mas sim opera com sua potência atual presente no tratamento. De acordo com Freud,

(...) este estado de enfermidade é colocado, fragmento por fragmento, dentro do campo e alcance do tratamento e, enquanto o paciente o experimenta como algo real e contemporâneo, temos que fazer sobre ele o nosso trabalho terapêutico, que consiste em grande parte, em remontá-lo ao passado" (FREUD, 1914/1980, p.198).

Já não se trata tão somente de trazer o inconsciente à consciência, é necessário se ocupar de cada fragmento e fazer um caminho inverso, remontá-lo ao passado.

Collete Soler comenta que foi graças à sua prática clínica que Freud se deparou com o limite da rememoração, ou seja, verificou que o trabalho caminha até certo ponto em direção à cura e aí encontra uma barreira que faz obstáculo ao seu avanço, não produzindo mais recordações. Por vergonha, o analisante resiste a lembrar algo de cunho sexual e então atualiza a realidade do inconsciente na transferência. O inconsciente repete em vez de recordar. O limite da rememoração é o momento em que aparece o que Freud chama de resistência,

(...)que é uma resistência do próprio discurso... menos uma resistência do \$ que o choque contra uma dificuldade, um limite de possibilidade do discurso. Lacan assinala que isto se traduz na cura da seguinte maneira: a rememoração prossegue e logo aparece um momento em que o silêncio da palavra dá lugar ao que Freud chama posta em ato, silenciosa no concernente à rememoração (SOLER, 2004, p. 79).

Aparício (1988), em seu artigo *La compulsion à la répétition*, acrescenta que a compulsão à repetição, por ser inerente ao funcionamento psíquico, é também fundamental na direção de cura, uma vez que ela é a marca de insatisfação. Não se trata apenas de trazer o inconsciente à consciência, vencendo as resistências. O avanço da técnica exige mais trabalho, atrair para a lembrança os fragmentos da neurose, cabendo agora ao analisante a reconstrução do que está esquecido e que jamais será recuperado. No entanto, é a única maneira dos sintomas serem corrigidos. Diz ele que “a compulsão à repetição é assim uma reformulação dos objetivos da técnica analítica, isto que de certa maneira serve para restabelecer as bases conceituais da psicanálise ela mesma” (APARICIO, 1988, p.35, tradução nossa).

2.2A PULSÃO

O termo pulsão sofreu impasses na literatura analítica, até mesmo em sua tradução, tendo sido muitas vezes traduzido por instinto. No entanto, *trieb*, na língua alemã, do ponto de vista terminológico, não pode ser confundido com *instinct* (instinto) ou *tendance* (tendência), como comenta Laplanche e Pontalis no *Vocabulário da Psicanálise*:

(...) na língua alemã existem os dois termos *InstincteTrieb*. O termo *Triebé* de raiz germânica, e uso muito antigo, e conserva sempre a tonalidade de impulsão (treiben = impelir); a acentuação incide menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, e sublinha o caráter irreprimível da pressão mais do que a fixidez do alvo e do objeto (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996, p.506).

Rudinesco e Plon (1998, p. 627), no *Dicionário de Psicanálise*, remontam o nascimento do termo pulsão na França em 1625, derivado do latim *pulsio*.

No artigo *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), Freud inaugura o que denominou metapsicologia, ou seja, o momento em que ele consegue descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas. Justifica que “a ciência não nasce já constituída, inicialmente, estabelecem-se cuidadosas convenções determinadas pelas relações significativas que mantém com o material empírico” (FREUD, 1915/1980, p.145) e só depois, quando se tiver investigado com mais profundidade certo campo de fenômenos, podem-se formular conceitos livres de contradição que se tornem perfeitamente utilizáveis.

A pulsão (*Trieb*) é apresentada, então, por Freud, como um conceito fundamental difícil de apreender, obscuro, ambíguo, mas básico, uma convenção da qual não se pode prescindir em psicanálise. Em 1932, na conferência XXXII, *Ansiedade e vida instintual*, ele acrescenta que

(...) a teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente (FREUD, 1933[1932]/1980, p.119).

Observa-se que o conceito de pulsão, na obra de Freud, sempre esteve associado aos eixos da teoria da sexualidade: libido e narcisismo. É o que se verifica no *Traumdeutung* (1900) e nos textos posteriores até 1914, onde Freud se ocupará de elaborar a teoria do narcisismo. Ao investigar o desejo, seus fundamentos e persistência se deparou com a necessidade de formular a teoria pulsional, uma vez que a pulsão se impunha em sua exigência de satisfação no sintoma. O sintoma se expressando como aquilo que não passa.

Para Freud, o fundamento e a fonte principal do conhecimento da psicanálise advêm das investigações das perturbações psíquicas, particularmente as neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva-compulsiva), como já assinamos no capítulo primeiro. Seu primeiro objeto de investigação foram estas neuroses e na raiz de cada uma destas afecções ele se deparou com um conflito de interesses entre dois polos pulsionais: as exigências da sexualidade e as do eu. Em 1897, Freud abandona a teoria de que a histeria tem como causa uma sedução traumática sofrida na primeira infância e passa a admitir que o recalcamto dos impulsos

sexuais é a causa de um conflito psíquico que leva obrigatoriamente à neurose. Em 1898, ele explicita definitivamente que a etiologia das neuroses se encontra nas experiências e impressões sexuais infantis, o que quer dizer, que as crianças possuem uma sexualidade precoce capaz de realizações psíquicas e somáticas. Seu interesse era investigar as origens da sexualidade – a sexualidade infantil – e, portanto, dava relevo à pulsão sexual para esclarecer como o impulso sexual, cuja energia é a libido, distinguia-se da pulsão do eu. Sem desconsiderar, no entanto, a existência de um intervalo necessário para o desenvolvimento e maturação do aparelho sexual somático e psíquico para que sua ação pudesse ser completa.

Portanto, a influência destas experiências sexuais prematuras ativadas e reforçadas na puberdade, ao se reproduzirem, pode resultar em formações patológicas. Para Freud, neste primeiro momento, da infância à puberdade, a pulsão sexual é a soma que constitui a base da sexualidade, um conjunto de pulsões parciais, que se caracteriza como um “processo de apoio” em atividades somáticas, ou seja, se unem a certas zonas do corpo chamadas de zonas eróticas.

No artigo *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) Freud utiliza pela primeira vez o termo pulsão, e continuava buscando encontrar a diferença entre as pulsões sexuais e as pulsões ligadas à necessidade. Em uma nota acrescentada em 1915, contemporânea ao artigo *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), ele define a pulsão

Por ‘instinto’, deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um ‘estímulo’, que é estabelecido por excitações *simples* vindas de *fora*. O conceito de instinto é assim um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico (FREUD, 1915/1980, p.171).

No artigo *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910), Freud continua afirmando que na origem da vida psíquica existe um conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões de conservação da vida. Sem deixar de observar, no entanto, que são sempre os mesmos órgãos que serão utilizados pelos dois grupos de pulsões que estão em combate, portanto, são órgãos de dupla função:

(...) quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla desta espécie entra com um dos principais instintos, tanto mais ele se retrai do outro. Este princípio não pode deixar de provocar consequências patológicas, caso os dois instintos fundamentais estejam desunidos e caso o ego mantenha a repressão do instinto sexual componente em questão (FREUD, 1910/1980, p. 201).

Em 1911, no artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, Freud avança nas suas elaborações ao reconhecer que as pulsões sexuais estão a serviço do princípio do prazer, enquanto que as pulsões do eu encontram-se determinadas pelo princípio de realidade.

No artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud realiza a primeira reformulação do dualismo pulsional. Ao constatar que nas psicoses a libido se retira dos objetos exteriores e faz do eu seu próprio objeto de amor, o obriga a classificar as pulsões sexuais em libido do eu e libido objetual. E foi ao se aprofundar na investigação das neuroses do eu que comprovou a existência da regressão narcísica e reconheceu que, embora todas as pulsões procurem através da representação alcançar a satisfação, quando certas representações se mostram incompatíveis com o interesse do eu, geram um conflito e conduzem ao recalque. Ou seja, o eu, ao se perceber ameaçado pelas exigências sexuais, se defende por meio do recalque, tendo como consequência os sintomas neuróticos, substitutos dos conteúdos recalcados.

Mas foi no artigo *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) onde finalmente Freud realiza uma síntese e recapitula o saber adquirido sobre o conceito de pulsão em sua primeira formalização. Apresenta o dualismo pulsional e classifica as pulsões originais em dois grupos: de um lado as pulsões do eu responsáveis pela preservação da vida; de outro, as pulsões sexuais que servem à sexualidade e que estão a serviço da obtenção de prazer. Justifica que a psicanálise tem recolhido dados significativos do grupo das pulsões sexuais, o único que pode até agora ser isolado e observado nas psiconeuroses e que emergem nas formações do inconsciente de maneira irreconhecível, necessitando ser interpretadas. Descreve a pulsão como um representante de um impulso muito particular que se origina no corpo, que atinge o psíquico e exige um ato específico para suprimir a excitação. Portanto, a pulsão se origina e se realiza no corpo, ou seja, o corpo é o suporte do inconsciente, independente de qualquer vontade. Não se trata de um caminho

hereditário pré-fixado e nem se refere a um comportamento dirigido a objetos específicos. A energia da libido, ou seja, a pulsão sexual, embora emanada de impulsos não sexuais, adquire um caráter sexual particular graças à excitação de uma zona erógena, diferente da pulsão do eu. Ele afirma que

(...) a pulsão nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (FREUD, 1915/1980, p. 148).

O conceito de pulsão adquire, portanto, um caráter limítrofe. É o elo que permite o entrecruzamento entre o corpo e o psíquico, ou seja, a dimensão pulsional indica a representação psíquica das excitações que vem do interior do corpo, e que exige trabalho para encontrar a satisfação da libido. A pulsão é, portanto, uma exigência de simbolização e o processo de simbolização ele mesmo. O que faz pensar em corpo erógeno, um corpo traspassado pela pulsão, que se utiliza das funções vitais para expressar uma coisa distinta. Assim, por exemplo, o ato de sugar o seio materno, ao suprir a necessidade do alimento, gera uma satisfação, fazendo com que os lábios se transformem em zona erógena e dando origem a uma pulsão parcial. Num segundo momento, a pulsão separa-se do objeto de apoio, tornando-se autônoma e funcionando de forma auto-erótica. É a fase preparatória para o que mais tarde Freud chamará de narcisismo primário,

resultante da convergência das pulsões parciais para o eu inteiro, e não mais apenas para uma zona corporal específica. Posteriormente, a pulsão sexual pode encontrar sua unidade através da satisfação genital e da função da procriação (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 629).

Lacan, no seminário XI (1964) comenta que embora o termo *Trieb* (pulsão) tenha sido anteriormente utilizado tanto pela psicologia quanto pela física, Freud lhe deu um emprego tão específico que ele permanece totalmente integrado à prática psicanalítica (LACAN, 1985, p.153).

Vejamos como Freud o apresenta. Utiliza-se da fisiologia para demarcar a distinção entre o estímulo fisiológico (estímulo arco-reflexo) e o estímulo pulsional

que atuam no psíquico. O estímulo que vem do exterior e atinge o tecido vivo age como uma força momentânea e descontínua, ou seja, um único impacto em que o organismo, através de um processo automático, consegue se subtrair e neutralizá-lo devolvendo-o para fora, realizando a descarga das excitações através de uma ação muscular apropriada. Um ser vivo desamparado, desprovido de defesas e que ainda não consegue se orientar no mundo, e que recebe estimulação em sua substância nervosa, tem como primeira orientação esta diferenciação entre estímulo interno e externo. Mas quando a fonte do estímulo é a pulsão, que não vem de fora, mas sim provém de fontes internas do organismo, é parte integrante do funcionamento psíquico, agindo como uma força constante, (*konstantkraft*), sem trégua, tornando ineficaz a fuga diante de sua pressão (*drängenden*)

(...) a melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo “necessidade” (*Bedürfnis* – ter falta de algo), e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos “satisfação” (*Befriedigung*). Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos (FREUD, 1915/1980, p. 146).

Ele também faz uso de uma premissa biológica, a noção de tendência, em que “o sistema nervoso tem como função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los a um nível tão baixo quanto possível, ou, se fosse possível, de manter-se absolutamente livre de estímulos” (FREUD, 1915/1980, p.147). Ou seja, o controle das excitações se faz através da série prazer-desprazer, a sensação de prazer estando veiculada a uma diminuição dos estímulos para livrar-se do excessivo, enquanto o desprazer se relaciona com o aumento da tensão, uma exigência de satisfação desmedida.

Quanto aos estímulos pulsionais, por serem internos, contínuos e inevitáveis, torna-se impossível mantê-los todos afastados. Eles impelem, excitam e exigem atividades mais complexas e intimamente articuladas entre si, fazendo necessária a intervenção e a alteração no mundo externo, ou seja, um ato específico para obter os elementos que ofereçam satisfação à fonte de estímulo interna e para suprimir as tensões. Toda a atividade do aparelho psíquico, por mais evoluída que seja, está submetida à vigência do princípio de prazer, ou seja, manter a carga de excitação o mais baixo possível. E a pulsão vem desestabilizar este princípio.

Freud reconhece que no início da vida psíquica as pulsões sexuais se apoiam totalmente nas funções das pulsões de autoconservação e somente pouco a pouco vão se separando e ganhando autonomia na busca de satisfação. Para atravessar as pulsões parciais auto-eróticas para o narcisismo, faz-se necessário uma nova ação psíquica. No entanto, uma parte das pulsões sexuais permanece associada às pulsões de autoconservação por toda a vida e são elas que indicam as trilhas a serem seguidas na busca do objeto. Os destinos do movimento pulsional são modalidades de *defesas* contra as pulsões sexuais, ou seja, um desvio que impede que elas cheguem sem modificação à sua meta, podendo se referir apenas a dimensão narcísica ou ir além. Ele as agrupa em quatro vicissitudes: a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra o próprio eu, o recalque e a sublimação.

Neste artigo, Freud se atém e desenvolve as transformações de dois dos pares antitéticos: a inversão do conteúdo pulsional em seu contrário e o retorno ao próprio eu. A inversão em seu contrário que se realiza quanto à meta da pulsão ele o exemplifica pelos pares pulsionais em oposição que compõem o sadismo-masiquismo em sua forma ativa e passiva e pelo que se efetua nos *voyeurs* e nos exibicionistas, ou seja, a finalidade ativa de torturar e olhar é substituída pela finalidade passiva ser torturado e ser olhado. As pulsões, portanto, por serem parciais e formarem pares antagônicos, podem modificar seus fins. A operação de inversão do conteúdo pulsional ele a reconhece na transformação do amor em ódio. Ele constata que existe uma pulsão de crueldade presente na libido e que este elemento é o responsável pela mudança do ódio em amor, de sentimentos ternos em hostis tão presentes na vida dos neuróticos e que lhes causam tanto sofrimento. Roudinesco comenta que

Este último exemplo dá ensejo à observação de que o ódio não pode ser reduzido unicamente à imagem invertida do amor. Sem dúvida, há que se postular, a esse respeito, a existência de uma configuração mais antiga do que o amor, “arquetipo” do que viria a ser, na pena de Freud, alguns anos depois, a pulsão de morte (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.630).

Quanto à outra vicissitude, o retorno ao próprio eu, tem-se que levar em conta que Freud, neste momento de sua obra, concebe o masiquismo como secundário e

o sadismo como primário. O essencial, para ele, se encontra na troca do objeto com a permanência do mesmo fim. Mais tarde, em 1924, ele modifica esta concepção ao abordar o problema econômico do masoquismo. Mas neste artigo ele afirma que “o masoquismo é um sadismo voltado contra o próprio Eu e que a exibição inclui a contemplação do próprio corpo” (FREUD, 1915/1980, p. 152). Ou seja, o masoquista participa ativamente e se deleita com o gozo da agressão contra a sua própria pessoa, análogo ao que acontece com o exibicionista, que depois de ver, se volta auto eroticamente e goza com a nudez do próprio corpo. Esse é o vai e vem da pulsão, sendo possível mudar as vias que conduzem ao fim da pulsão, bem como a forma de encontrar a satisfação. Apesar da mudança de objeto, a meta permanece sem modificação, ou seja, o retorno ao eu e a transformação da atividade em passividade se misturam e coincidem, embora não abarquem a totalidade da moção pulsional. Ao contrário, há uma permanência e coexistência das fases intermediárias que subsistem conjuntamente lado a lado: a orientação ativa, a mais antiga e a orientação posterior, a passiva.

Ele concebe o narcisismo como uma fase inicial do desenvolvimento do Eu, onde as pulsões sexuais se satisfazem de forma auto-erótica quer dizer que o órgão de onde parte a pulsão, sua fonte, é o elemento essencial e que é a forma e a função do órgão que determinará a atividade e passividade da meta pulsional. Esclarece que os dois pares de opostos – sadismo-masoquismo e escopofilia-exibição – “são dependentes da organização narcísica do Eu e carregam a marca desta fase” (FREUD, 1915/1980, p. 156) Em etapas mais avançadas podem ser realizadas através de outros recursos.

Freud, neste artigo, apresenta a estrutura da pulsão, decompondo seus elementos constitutivos e fazendo uma análise criteriosa do movimento pulsional, podendo-se dizer, inclusive, que se trata da gramática da pulsão no que ela tem de repetição. Vale-se dos quatro componentes ou características que se encontram intimamente conectados entre si na pulsão: a pressão, ou seja, o impulso (*Drang*), o alvo (*Ziel*), o objeto (*Objekt*) e a fonte (*Quelle*). A pressão se refere ao fator motor, ou seja, a soma da força ou a quantidade de exigência de trabalho psíquico. Aliás, ele afirma que a pressão ininterrupta e a constante exigência de trabalho no psiquismo é a qualidade universal da pulsão constituindo sua própria essência.

A meta última da pulsão é sempre a mesma, ou seja, alcançar a satisfação pela via da descarga das excitações mediante a suspensão da estimulação que se iniciou na fonte da pulsão. O retorno à fonte, ao início, demarca um percurso. Embora a pulsão possa se desviar em parte de seu trajeto, inclusive utilizar metas intermediárias que se combinam e se substituem mutuamente e ser inibida em sua finalidade, ou mesmo sofrer adiamentos e interdições na consecução de sua meta, em todos os casos realiza sempre uma satisfação.

O objeto é aquilo ou o meio que a pulsão utiliza para chegar à satisfação. Não tendo sido inicialmente enlaçado à pulsão, foi-lhe subordinado em razão de sua adequação para alcançar a satisfação. Ele não é fixo, é o mais variável da pulsão, podendo satisfazer várias pulsões ao mesmo tempo, além de sofrer deslocamentos e substituições. Não precisa ser obrigatoriamente um objeto externo, uma parte qualquer do próprio corpo pode lhe servir como objeto, mas se trata sempre do objeto para sempre perdido. Freud emprega o termo fixação para a situação em que há uma aderência (*Bindung*) muito estreita da pulsão ao objeto, que se dá em uma época precoce do desenvolvimento das pulsões, e é exatamente este objeto que põe fim à sua mobilidade.

Por último, a fonte da pulsão que, embora o estímulo representado na vida psíquica tenha sua origem em fontes somáticas, seja em um órgão ou em uma parte do corpo, a pulsão só se faz reconhecer pela sua meta, sendo possível deduzir sua fonte somente retroativamente. Portanto, o circuito da pulsão demarca um percurso muito particular. Parte de um impulso (*Drang*) que é sua origem, pressupõe um trajeto e o alvo (*Ziel*). Lacan esclarece “que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1985, p.170) e depois de contornar o objeto (*Objekt*), que não é o fim e sim o meio para alcançar a satisfação, retorna finalmente à fonte (*Quelle*) para recomeçar outra vez. Portanto, a pulsão não cessa, gira em torno de si mesma, é infinita em um corpo finito. Circular e infinita. Pulsão é linguagem. A forma quer se representar através do objeto. E a pulsão é uma forma que dobra sobre si mesma. As pulsões são plurais, mas a quantidade de força é igual para todas. A qualidade é dada pela fonte. A qualidade está na zona erógena. É o outro que me apresenta a zona erógena, portanto, sou passivo diante da pulsão.

Lacan, por seu lado, dependente também do desenvolvimento progressivo de sua experiência e fiel ao texto de Freud, vai responsabilizar o sujeito que fala pelo

organismo. No Seminário Livro 11 (LACAN, 1985, p.169) ele propõe um grafo para esclarecer o circuito e a reversão com caráter circular encontrado na pulsão. No lugar do objeto, coloca o objeto “a”, um substituto não muito adequado, mas cuja finalidade será produzir satisfação. Ao encontrar o objeto, que nunca é o procurado, a pulsão contorna um vazio, para retornar de novo à fonte e recomeçar a procura. No meio do traçado ocorre uma torção, um ponto de inflexão, a partir do qual a pulsão retorna ao seu ponto original de forma invertida. É graças à dependência do Outro que a estrutura da pulsão se completa em seu retorno. O desejo é o desejo do Outro. A suspensão da necessidade é apenas momentânea, retorna em seguida à sua condição de premência, de insistente busca e exigência de trabalho para alcançar a satisfação.

Pulsão é, portanto, a força constante que circunda o objeto e nisso encontra a satisfação para continuar a ser força constante. O ponto de partida da excitação é o mesmo lugar ao qual a pulsão retornará para eliminar ou ao menos aplacar o estímulo sobre a zona erógena. É a cadeia significante que contorna o objeto “a” e se volta para si mesma. Lacan apresenta a pulsão como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise e estabelece sua articulação com o registro do significante. Roudinesco e Plon (1998), afirmam que, além disso, a investigação lacaniana da pulsão encontrou que seu movimento é sem ritmo, portanto, distinto de qualquer concepção funcional e que “a abordagem lacaniana da pulsão inscreve-se numa abordagem do inconsciente em termos de manifestação da falta e do não realizado. Nessas condições, a pulsão é considerada na categoria do real” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.631). Notam ainda que o objeto da pulsão, tal como desenvolvido por Lacan, se refere sempre a um objeto parcial e não corresponde a nenhum objeto concreto.

“Para apreender a essência do funcionamento pulsional, é preciso conceber o objeto como sendo da ordem de um oco, de um vazio, designado de maneira abstrata e não representável: o objeto (pequeno a). Para Lacan, portanto, a pulsão é uma montagem, caracterizada por uma descontinuidade e uma ausência de lógica racional, mediante a qual a sexualidade participa da vida psíquica, conformando-se à “hiância” do inconsciente” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 631).

Sem esquecer também que Lacan acrescentou dois novos objetos da pulsão, voz e olhar, aos definidos por Freud, fezes e seio, e os nomina de objetos do desejo.

Freud conclui este artigo *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) afirmando que

de todo o que foi apresentado, podemos então destacar que os destinos da pulsão consistem essencialmente em que as moções pulsionais estão submetidas às influências das três grandes polaridades que dominam a vida psíquica. Dessas três polaridades, poderíamos caracterizar a da atividade-passividade como a biológica, a do Eu-mundo exterior como a *real* e, por fim, a de prazer-desprazer como a econômica (FREUD, 1915/1980, p. 162).

No artigo *O Inconsciente* (1915), também contemporâneo a *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud escreve que “um instinto nunca pode tornar-se objeto da consciência – só a idéia que o representa pode. Além disso, mesmo no inconsciente, um instinto não pode ser representado de outra forma a não ser por uma idéia” (FREUD, 1915/1980, p.203). Estamos falando, claro, do simbólico, mas sabemos também que o simbólico não permite explicar toda a complexidade da pulsão, existindo sempre algo que escapa, um resto que não se satisfaz inteiramente, um excesso que ultrapassa o plano do inconsciente. Cabas deixa evidente “que a inscrição de um representante da pulsão – que ele denominou (Freud) *Vorstellung-repraesentanz* (representante da representação) é uma necessidade, uma exigência da pulsão” (CABAS, 2009, p.59). Ou seja, a impulsão tem como condição necessária sua inscrição no inconsciente, e continua: “só isto não é suficiente, o simbólico não basta. Há ‘algo mais’ que precisa ser levado a sério e que emerge às vezes como um excesso e às vezes como uma fatalidade ou uma imposição do destino” (CABAS, 2009, p.59).

Verifica-se que a psicanálise, ao refletir sobre a dinâmica pulsional, constata que a pulsão, tal como todos os conceitos da psicanálise, possui uma dupla função: é *drang*, uma pressão constante para o psíquico que não cessa de insistir e onde a fuga é impossível, porque é interna, e, ao mesmo tempo, tem como exigência a inscrição de um representante no inconsciente, que é sua resolução. Ela é ao mesmo tempo afeto e representação. Ela é x e y. Freud circunscreve a pulsão com a linguagem, no domínio do significante, constatando que sua força vital é a pulsão.

Pulsão é um prazer ligado a um aumento da tensão e não sua distensão (relaxamento). É uma exigência de satisfação desmedida. É antivital, antieconômica e um dispêndio, ou melhor, um gasto incessante. O encontro com o objeto estimula e não sacia, por isto será sempre frustrado. É o encontro faltoso que mantém o obstáculo. Pode-se tomar o prazer sexual como o melhor exemplo do aumento de excitação: dor com prazer, ou melhor, a insatisfação faz parte do prazer. Pulsional também não é uma palavra, ela é contínua, é ruptura na continuidade. É um resíduo de fundo que não cessa e cujo efeito é estranho. A pulsão é também *Unheimlich*. Ela é circular, gira em torno de si mesma, é infinita, num corpo finito. É a cadeia significativa e o seu intervalo. É, portanto, uma diferença consigo mesma, e por isto mesmo ambivalente, uma contradição: pulsões do eu e pulsões sexuais. Todo amor é ódio. Toda paixão para se submeter é paixão para submeter. O indivíduo acha que ele é a finalidade do eu, no entanto, o sexual o ultrapassa e o movimenta. Algo em você que é mais do que você.

2.3O INCONSCIENTE

Em 1919, Freud publica o artigo ‘O estranho’ para esclarecer como a psicanálise compreende a experiência do estranho e sua relação com a angústia. Aquilo que se apresenta como uma qualidade sensitiva e comporta o mais íntimo, secreto e familiar que deveria permanecer oculto, graças à repressão, e que ao retornar detém um aspecto inquietante e não domesticável que desorienta e faz vacilar aquele que o experimenta. Interessa para Freud investigar a angústia diante do estranho, principalmente a que se experimenta e acompanha o percurso da análise. Neste artigo, ele apenas introduz e antecipa suas idéias quanto à compulsão à repetição.

Exemplifica o inquietante a partir de vários campos do saber e encontra em cada um deles um elemento comum, uma particularidade – a condição do retorno do mais íntimo, secreto e familiar que deveria permanecer oculto, graças à repressão. O retorno destas lembranças recalcadas detém um aspecto inquietante e não domesticável que desorienta e faz se perder aquele que o experimenta, causando angústia. Situa a angústia em dois registros diferentes, uns que possuem a

característica de serem pontuais, efêmeros e imaginários e outros que se constituem como perturbações permanentes do psiquismo. É o caso da ameaça de castração, o duplo e a repetição involuntária. Este artigo antecede em um ano o texto *Além do princípio de prazer* (1920). Portanto, a compulsão à repetição, que aqui ele chama de repetição involuntária, já estava posta neste momento da teoria.

Freud precisa dialogar com vários campos do saber para situar o estranho. Primeiramente, em conexão com a literatura, encara a estética não só como a teoria do belo, mas também como a teoria das qualidades do sentir. Ele argumenta que o escritor tem a liberdade de escolher o seu mundo de representação, o seu cenário de realidade poética, criando um estado de espírito onde exerce poder diretivo na corrente das emoções, represando-as ou fazendo-as fluir numa direção ou noutra e produzindo uma variedade de efeitos. A angústia está, portanto, colocada na literatura; o escritor opera com a quantidade e a qualidade desta angústia para provocar o efeito esperado. E o leitor aceita se deixar guiar por ele, pela sua realidade imaginária. O sistema animista de crenças superadas e consideradas incríveis do pensamento que pertencem à pré-história do indivíduo e da raça pode livremente ser adotado e figuras de seres sobrenaturais perdem qualquer sensação de estranheza, ou seja, é eliminado o conflito de julgamento. O reino da fantasia, para produzir seu efeito, depende que se suspenda o teste de realidade em relação ao seu conteúdo.

Os contos de fadas e o novo testamento estão cheios desses exemplos. E mesmo quando o escritor se move na realidade comum, o que tem um efeito estranho, se mantém na escritura rente ao que se daria na experiência cotidiana. Mesmo assim, ele pode multiplicar a força do sinistro muito além do que poderia acontecer na realidade e nos iludir, mantendo-nos às escuras, não fornecendo qualquer informação sobre o problema, a tal ponto que reagimos da mesma forma que reagiríamos diante de experiências reais. O escritor consegue sempre um êxito parcial, alcança seu objetivo, mas ao perceber que caímos no seu engodo, na promessa de pura verdade, sobra-nos uma insatisfação, certo rancor por termos sido desbancados naquilo que ostentávamos como superação da superstição. Freud reconhece na literatura uma grande prática na criação de sensações estranhas, e a descrição do estranho em suas histórias é muito mais rica de possibilidades, graças à licença poética, podendo conter algo mais que não pode ser encontrado na vida

real. Esta é a diferença básica entre o domínio da ficção, aquilo que lemos e que nos é apresentado através de uma imagem e aquilo que de fato se passou na experiência. Já a experiência do que é estranho na clínica analítica tem bem menos exemplos do que a literatura e suas condições são bem mais restritas.

Em seguida, Freud se utiliza da língua para falar do estranho. A língua lhe permite elaborar o estranho, uma vez que o inquietante também está posto na língua, que não elimina a experiência e sim a confirma. Toma o sentido antitético da palavra, no termo alemão *Unheimlich*, o antônimo da *heimlich* e esclarece que *heimlich* é uma voz cuja significação concebe várias nuances semânticas, evoluindo para a ambivalência até coincidir com sua antítese. *Unheimlich*, portanto, uma palavra onde coincidem na mesma palavra os opostos, onde a separação entre palavra e coisa desaparece. É uma extimidade, mas não fora. É um dentro e fora *continuum*. Não é como o transitório (as coisas passam). O *heimlich* o familiar, o doméstico, o íntimo, o oculto, o segredo que deveria ficar fora do olhar dos outros. Ao mesmo tempo, é o desconfortável, o ameaçador, o inquietante, aquilo que provoca a angústia. Para Freud, portanto, “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e que afeta as coisas conhecidas e familiares desde tempos atrás” (FREUD, 1919/1980, p.277). Não é nada novo ou alheio, porém, algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão.

Nosso próprio inconsciente, tão familiar, íntimo e subjetivo, no entanto é o que menos conhecemos e que nos aparece da forma mais sinistra. O inconsciente é, portanto, *Unheimlich*. É uma coisa inabordável, está ali, presente, mas não se pode abordar. É um estranho que se tornou estrangeiro. É a margem externa que comparece e causa angústia. A consciência tem como função censurar e criticar o eu, observando-o à distância e tratando-o como objeto. Essa divisão, um igual não idêntico, tem a finalidade de proteger o corpo e impedir a destruição do eu; é a origem do que chamamos alma imortal. Mas o que de início servia como proteção, mais tarde torna-se uma ameaça, o anunciador da morte.

Tais ideias, no entanto, brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a alma da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o “duplo” inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte (FREUD, 1919/1980, p.294).

O narcisismo primário é o tema do duplo, uma instância especial que se desenvolveu dentro do eu duplicando-o. Foi diante do desamparo infantil que inicialmente o duplo se apresentou como garantia contra a morte, tendo como consequência a submissão aos ancestrais e permitindo aceitar a finitude. O duplo é, portanto, a regressão a um estado mental primitivo, em que o eu não se distinguia ainda do mundo externo e das pessoas e era tido como amistoso. Duplo é, portanto, igual à repetição. Inaugura um tempo. O momento um, e este início produz a exterioridade. O eu se defende projetando para fora esse material considerado como estranho a si mesmo e o converte num objeto de terror.

O sinistro será produzido no que o eu se torna estranho a si mesmo. O estranho converteu-se em estrangeiro. A motivação manifesta na figura do duplo, não desaparece com o desenvolvimento, mas recebe novo significado. Passada a infância, já não é possível viver num mundo sem pais e inventa-se para si um deus justo. Quando não se consegue mais, através das representações, expressar a verdade, ou melhor, quando se dá o recalque da representação, o impulso reprimido transforma-se em angústia e o elemento que amedronta retorna em forma de algo sinistro. A partir do lugar e pela função do pai, Freud dá fundamento ao estranho e o psiquismo se constitui num eu atemporal e para sempre dividido. A função paterna une o sujeito e a lei.

O supereu é *Unheimlich*, paradoxal e virtual. É um dos nomes do recalque. Por um lado, é o mais íntimo e familiar, sendo o herdeiro do nome do pai e dos ancestrais, que permite a ordem moral e a civilização. Por outro, é uma instância internalizada, assustadora e punitiva que nunca acaba e se desdobra interiormente, sempre pedindo mais renúncia e se manifestando na culpa. A culpa, embora seja uma variedade da angústia, detém como sua condição a necessidade de castigo, o ódio de si mesmo, que funciona como anteparo à angústia. A garantia do eu passa a ser dada pelo pai e seus sub-rogados em uma relação ambivalente, adorado e temido ao mesmo tempo e de quem se espera a castração. Amo e odeio a metáfora paterna.

Essa ambivalência quanto à imago paterna, ou seja, um pai desdobrado em dois, é muito bem situada por Freud no conto de Hoffmann, *O Homem de Areia*, onde o desejo de morte do pai temido se representa na morte do pai amoroso. A série paterna é apresentada nesta narrativa pelo pai amoroso e pelas figuras

temidas: o homem de areia, o advogado Coppélius e o oculista. A atitude feminina e passiva de Natanael se materializa na boneca Olímpia, uma espécie de retorno ao auto-erotismo. Natanael sofre uma satisfação, assume uma atitude passiva diante desta satisfação e se submete à influência psíquica desta experiência. Ferir ou perder a vista provoca intensa angústia infantil, substituto da angústia de castração. Nos mitos, fantasias e sonhos a substituição mútua entre o olho e o órgão sexual sempre desperta sentimentos terríveis e enigmáticos, que podem se referir também a outras representações de perdas de outros órgãos. Assim, o medo de Natanael de ser mutilado e ficar cego pelas brasas, tal como no Édipo, representa a castração.

A experiência analítica sempre comprova a importância do complexo de castração e seu papel na vida psíquica. Freud ainda coloca na categoria do duplo

(...) todos os futuros não cumpridos, mas possíveis, a que gostamos ainda de nos apegar, por fantasia; todos os esforços do ego que circunstâncias externas adversas aniquilaram e todos os nossos atos de vontade suprimidos, atos que nutrem em nós a ilusão da Vontade Livre (FREUD, 1919/1980, p.294).

Freud explora ainda outros fatores que transformam algo assustador em estranho, ou seja, os modos de ação do aparato mental que nunca são superados: a crença na onipotência dos pensamentos, onde um elemento infantil domina e dá relevo à realidade psíquica em detrimento à realidade material. Discorre sobre a concepção animista do universo, a magia, a inveja, o poder das palavras e diz que em cada um de nós persiste essa atividade mental animista primitiva capaz de se manifestar sempre que se toquem os resíduos, os traços animistas arcaicos. Formas rejeitadas encontram-se preservadas sob escasso disfarce. Um exemplo disto é a relação do homem com a morte. Desde os primórdios, nos portamos como selvagens diante desse tópico e conservamos inalteradas as mesmas ideias, o mesmo desconhecimento. O primitivo medo da morte está pronto a vir à tona sempre que provocado. O inconsciente desconhece sua própria mortalidade, afirma Freud, e mesmo nos sonhos, a morte é representada pela multiplicação do órgão genital, ideia do duplo, com a finalidade de afastar a morte, quer dizer a castração.

Freud refere-se ainda ao estranho efeito que provoca assistirmos no outro a existência de forças insuspeitas e ao mesmo tempo as pressentirmos em nosso próprio ser. Ao encontrar na realidade algo que era imaginário, ou quando um

símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza. Um efeito estranho que com frequência ocorre nos neuróticos do sexo masculino diante do órgão genital feminino e ressalta que é saudade do lugar familiar onde cada um de nós viveu certa vez, no princípio: os genitais da mãe, e que também sofreu repressão. O *Unheimlich* é o que uma vez foi *Heimlich*, familiar; o prefixo “un” é o sinal da repressão. Na infância, por causa do desamparo, o efeito provocado pelo silêncio, pela escuridão e pela solidão se referia a certos elementos que participaram da formação da ansiedade infantil e que, no entanto, agora ainda despertam estranheza. São elementos dos quais, de fato, a maioria de nós jamais se libertou. Muitas coisas que nos causam sensação de estranheza estão relacionadas aos nossos primitivos ancestrais que estavam convictos de que certas possibilidades eram realidades que aconteciam. Nós acreditamos que superamos esses modos de pensamentos, mas basta que algo aconteça em nossas vidas, que pareça confirmar estas velhas crenças primitivas, prova inequívoca de sua permanência dentro de nós, e a angústia se manifesta. As crenças primitivas recalcadas sobrevivem e se apossam das crenças atuais. Ao contrário, aquele que pelo teste realidade material dos fenômenos se livrou de modo completo das crenças animistas ficará insensível a esse medo do estranho.

O estranho, portanto, tem sua origem em complexos infantis reprimidos, quer dizer, no complexo de castração, que é o mais resistente e ressurgente sempre por meio de uma impressão. A questão da realidade material não se coloca, é a realidade psíquica que impera, “implica numa repressão real de algum conteúdo e do retorno desse conteúdo reprimido, não num cessar da crença na realidade de tal conteúdo” (FREUD, 1919/1980, p.309). Assim, a distinção entre crenças primitivas superadas e complexos infantis recalcados que retornam, é quase apagada, uma vez que as crenças primitivas se relacionam intimamente com os complexos infantis, encontram neles sua base.

Outro tipo de estranhamento apresentado por Freud diz respeito à repetição involuntária, ou seja, o sujeito se porta de forma passiva diante de alguns acontecimentos que se conectam com processos inconscientes recalcados. São fatos pontuais, com uma localização precisa no tempo e que normalmente seriam tidos como inocentes e atribuídos à causalidade, mas que ao se repetirem na realidade despertam a ideia do estranho. Diz:

(...) é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma 'compulsão à repetição' procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer (FREUD, 1919/1980, p.297).

Ou seja, no inconsciente, proveniente das pulsões e que lhe são inerentes, existe uma compulsão à repetição, o retorno do mesmo, que é recebido pelo analisante como nefasto e possuindo um caráter demoníaco. Essa repetição involuntária da mesma coisa tem sua origem nas tendências infantis, é o que a cerca de um ar de estranheza e desponta numa sensação de angústia diante do desamparo, do fatídico e do que não tem saída. A repetição involuntária é ela também *Unheimlich*. Lustoza esclarece que “no estranho, vem à tona um velho conhecido, sob a forma de um Outro primordial que nos interpela como objetos. A angústia é, em sentido mais fundamental, uma reação ao perigo representado pela interpelação do outro” (LUSTOZA, 2015, p.475).

É importante destacar que em 1925, no artigo *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud modificará sua teoria em relação à noção de angústia colocando-a em um lugar proeminente na metapsicologia, e ela se torna a força motriz que provoca o recalçamento. Na conferência *Ansiedade e vida pulsional* (1932) ele afirma “o que é temido, o que é o objeto da ansiedade, é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio de prazer” (FREUD, 1933[1932]/1980, p.118).

Lacan, no Seminário 10, *A angústia* (1962-63), apresentará o artigo de Freud *O estranho* como sendo “o eixo indispensável para abordar a questão da angústia” (LACAN, 2005, p.51). Ele esclarece que a angústia é um afeto do sujeito, o sujeito é afetado pela angústia e tem que tomar uma posição diante disso. É um sinal que não engana, aparecendo quando falta a falta, ou seja, quando um objeto surge no lugar do vazio da castração. A angústia é, portanto, a tradução subjetiva do objeto particular, derradeiro e perdido. Um objeto estranho-íntimo, ou seja, ambivalente. É um objeto duplo que não é para ser separado e sim para ser mantida sua ambiguidade de duplo. Janus bifronte é um obstáculo intransponível. E, embora a angústia seja defesa, a última defesa, é por ela que se pode chegar o mais próximo do indizível e do irreduzível do real, *Das ding*. Lacan funda a repetição nessa fenda que se produz no sujeito quando do encontro traumático. A descoberta e a

experiência analítica descobrem o real em sua incidência dialética, coincidindo com o originalmente mal vindo.

É interessante como a psicanálise, neste artigo, é colocada por Freud como o conhecimento que poderia trazer alguma luz sobre certos aspectos da estética, e de fato faz isto. Por exemplo, na conexão do estranho com aquilo que sofreu recalque, nas imorredouras crenças infantis que subsistem no aparelho psíquico, prontas a se manifestarem. Mas só isso não abrange toda a complexidade incluída no texto do sinistro. É um texto impressionante que, pela maneira como foi composto, apresenta-se na mesma categoria do sinistro que investiga, causa incômodo, não contém grandes conclusões, mas possibilita tantas aberturas teóricas, tantas fissuras, que impele também à repetição de mais leitura.

3. DA REPETIÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Neste capítulo, pretendeu-se circunscrever a natureza e a estrutura do conceito de compulsão à repetição em Freud. Para esta finalidade, tomou-se como apoio o ensaio *Além do princípio do prazer* (1920), por entendermos que nele Freud inaugura a segunda tópica realizando uma inflexão essencial na teoria e na prática clínica. Diante da descoberta da existência de uma satisfação pulsional que se situa mais além do princípio de prazer, Freud verificou que somente a interpretação não bastava e que a superação da resistência através do tornar consciente o inconsciente nunca será totalmente atingida. O paciente, em vez de recordar como um fragmento do passado repete o recalcado como uma situação atual. Isto faz com que Freud se encontre com outra dimensão e reformule a direção de cura. Trata-se agora da clínica da repetição, que terá como consequências a revisão e transformação da teoria da pulsão e da dualidade pulsional, colocando em relevo o caráter automático do repetir tanto o sofrimento quanto o prazer, chegando a classificá-la de demoníaca.

Já não se trata mais do desejo procurando recuperar uma prova, e sim do caráter pulsional da repetição: restaurar um estado anterior de satisfação que jamais será conseguido e que, por isto mesmo, mantém seu caráter de insistência. Mas não só, tem como consequência radical formalizar o conceito de compulsão à repetição vinculada à pulsão de morte e sua implicação na doutrina analítica. A descoberta da compulsão à repetição é o ato de fundamento da psicanálise, e a partir daqui a repetição deixa de ser um obstáculo à cura e a psicanálise se torna o tratamento do que se repete. O repetitivo é o osso, como diz Miller, o elemento duro e duradouro de uma análise.

Freud já se acercara, em vários de seus artigos, desta problemática da compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), mas é no ensaio *Além do princípio do prazer* (1920) onde revela o resultado destas investigações e institui e eleva o conceito de compulsão à repetição à categoria de conceito fundamental, dando-lhe um lugar central com todas as implicações teóricas. Trata-se da região mais obscura e impenetrável da mente, mas é necessária sua investigação aprofundada, levando em conta o rico acervo de dados que a experiência analítica lhe trouxera. A

problemática da repetição sempre esteve presente na obra de Freud e sempre é retomada pelos praticantes, pela sua presença em fenômenos clínicos. E na própria teoria, por se tratar de uma investigação especulativa, sofreu impasses, contradições e revisões sistemáticas, principalmente por envolver noções cruciais como: princípio de prazer, pulsão, pulsão de morte.

Freud encontrou-se com a repetição nos sintomas onde o retorno do recalcado repete e reproduz de maneira atual e substitutiva conflitos passados e dolorosos, gerando danos nesta procura de realizar o desejo. Também já verificara a existência de uma repetição inexorável, que mais tarde ele vai assimilar à neurose de destino, ao observar sujeitos que tiveram episódios sexuais que produziram prazer quando da ocorrência e que, ao reaparecem sob a forma de lembranças, provocam desprazer em quanto em outros originam compulsões.

Soler, em seu livro *La repetición em la experiencia analítica* (2004), afirma que a repetição tem sua procedência etimológica no verbo latino *petere*,

que quer dizer “procurar tomar” e *repetere*, procurar tomar de novo. E como poderão ver, também está muito próxima de *appetere*, que designa grosso modo um “procurar tomar” e que encontramos em apetite. Vale dizer que na palavra mesma, em sua origem, em sua composição de um apetite que se reitera, temos conotação de mira, de meta intencionalidade, enquanto que o termo *automaton* as erradica por completo... O *automaton* é algo que atua às cegas, sem intenção. Quando se fala de automatismo sempre se evoca a idéia de um processo não finalista. E em *Wiederholungszwang* tem outra conotação. Com isso quero dizer que se na repetição acentuamos o *automaton*, deixamos efetivamente de lado um aspecto que, sem embargo, está presente na ressonância dos termos (SOLER, 2004, p. 31, tradução nossa).

Já nos primeiros artigos de Freud, é possível encontrar o termo compulsão (*Zwang*) com o caráter de necessidade, de insistência e repetição (*Wiederholung*), encontrados no sintoma para se referir a um processo constitutivo do funcionamento psíquico: a ideia de uma repetição implacável, indomável que tem sua procedência no campo pulsional e que insiste de forma conservadora. O sujeito reproduz atos, ideias, pensamentos e sonhos que em sua origem produziram sofrimento e que mantém esse caráter doloroso.

Em 1896, no artigo *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud confere ao fracasso do mecanismo de defesa (*Abwehr*) a responsabilidade

pela estrutura da repetição, ou seja, o retorno do recalcado (*Wiederkehrdes Verdringten*) e mostra que o recalçamento fracassa em isolar da consciência ideias dolorosas. “Esse fracasso é, de certa maneira, um elemento constitutivo do recalçamento” afirma Kaufmann (1996, p.451). O retorno de lembranças recalçadas abre para a repetição, não do mesmo porque é impossível, a impressão da imagem mnêmica inicial não se confunde com a lembrança atual.

Em carta à Fliess, datada de 15 de novembro de 1897, Freud concebe a existência de uma compulsão à repetição implacável, que coincide com a descoberta na tragédia cativante do Édipo rei, experimentada e reconhecida pelo homem – afetos amorosos pela mãe e ciúmes do pai. O destino na tragédia grega nada mais é que o herói tentando evitar alguma coisa e é assim mesmo que a coisa se faz. A voz do *daimon* leva o homem à sua própria perda. A tragédia para o homem é ter que responder por um crime onde não se reconhece.

No artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), Freud mostra como a compulsão à repetição é consequência do processo de recalçamento e de como pode ser apreendida em seu duplo aspecto no recalçamento: o fracasso como medida de proteção e o fracasso, porque estrutural, em abordar o recalcado. O retorno insistente e constante do recalcado é, portanto, uma busca do caminho impossível.

No ensaio *Além do princípio do prazer* (1920), Freud demonstra a oposição entre as pulsões do eu que tem por objetivo a morte e as pulsões sexuais que exercem pressão no sentido de conservação e renovação da vida. A pulsão de morte possui um caráter conservador, regressivo e corresponde à compulsão à repetição, uma vez que procede da vivificação da matéria inanimada e intenta estabelecer de novo o estado inanimado. Quanto às pulsões sexuais, embora repitam estados primitivos do ser vivo, visam à fusão de duas células germinais diferenciadas. Somente quando esta fusão acontece, torna-se possível o prolongamento da vida e confere à célula uma aparência de imortalidade. Do contrário, a célula germinativa morre como todos os outros elementos do organismo multicelular. Soler afirma que neste ensaio “pela primeira vez, Freud separa o retorno do recalcado e o objetivo do prazer, (...) para conectá-lo desta vez com a compulsão à repetição e, portanto, com a não consideração do prazer” (SOLER, 2004, p. 28).

Voltando ao ensaio de Freud, ele descreve de forma mais completa os processos que regem o aparelho psíquico, examinando detidamente os fatores econômicos, tópicos e dinâmicos que estão em ação, ou seja, aquilo que constitui sua metapsicologia. Reafirma, tal como já o fizera no artigo *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), que do ponto de vista “econômico”, o percurso dos eventos mentais é regulado de forma automática pelo princípio de prazer, ou seja, a origem é sempre uma tensão desagradável que coloca o aparelho em movimento e o resultado é uma diminuição desta tensão, ou melhor, esquivar-se do desprazer ou produzir prazer. Vincula, desta maneira, o desprazer com uma elevação na quantidade de excitação na vida anímica e o prazer com sua diminuição. Ele faz notar que “o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante” (FREUD, 1920/1980, p.19). E continua: “o princípio de prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer” (FREUD, 1920/1980, p.19). É certo que existe na mente uma forte tendência ao princípio de prazer, ou, seja, este método primário do funcionamento do aparelho psíquico, mas que outras forças se opõem a esta tendência de tal maneira que nem sempre o resultado final corresponde ao prazer.

São duas as fontes de desprazer. A primeira, o exemplo de inibição necessária do princípio de prazer para preservação do organismo: o organismo diante das dificuldades do mundo externo e “sob a influência das pulsões de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade” (FREUD, 1920/1980, p. 20). O princípio de realidade não significa, no entanto, o abandono da obtenção do prazer, e sim de um adiamento da satisfação, renunciando a algumas possibilidades de obtê-la imediatamente, aceitando o desprazer como um rodeio necessário para chegar ao prazer.

A segunda fonte que origina desprazer são as pulsões sexuais que, por serem difíceis de educar, o princípio de prazer vence o princípio de realidade, sem se preocupar com os danos que pode causar ao organismo inteiro. Refere-se aos conflitos e oposições que se realizam no próprio aparato psíquico enquanto o eu se desenvolve para organizações mais complexas. A energia que chega ao organismo provém dos impulsos inatos, mas nem todos conseguem alcançar as mesmas fases

evolutivas. Algumas pulsões se reúnem para formar a unidade do eu e aquelas que são incompatíveis por seus fins ou exigências com as demais ficam separadas do eu pelo processo de recalque e permanecem em níveis inferiores de desenvolvimento psíquico e, em princípio, privadas de satisfação. Se então acontece, o que é muito fácil em se tratando de pulsões sexuais recalçadas, de alcançarem por uma via indireta a satisfação direta ou substitutiva, o que deveria ser uma possibilidade de prazer é sentido pelo eu como desprazer, sendo que “todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal” (FREUD, 1920/1980, p. 21).

Freud descreve experiências consentidas que colocam expectativa por um prazer suposto que apenas foi adiado, que despertam desprazer. Mas isso não significa objeção ao princípio de prazer. Refere-se, ainda, a outras experiências de desprazer resultantes do conflito psíquico, experiências que trazem prazer para o sistema inconsciente e desprazer para o eu. São experiências procedentes da defesa do sujeito e que também não contradizem o princípio de prazer, só são desagradáveis em consequência da divisão psíquica e, embora desprazerosas, não se relacionam com o além do princípio de prazer.

Ele constata, portanto, que o aspecto adotado pelo retorno do recalçado não se refere apenas à procura de prazer, pois resta sempre um fragmento que se subtrai a esta determinante, o além do princípio de prazer. O princípio de prazer não explica alguns fenômenos que se contrapõem a este princípio, a insistência de alguns sujeitos de repetir incessantemente episódios e reações dolorosas que não lhe trazem qualquer prazer. Sem esquecer os acontecimentos que ele mesmo já experimentara em si mesmo: o retorno sempre à mesma ruazinha na Itália, a experiência do estranho no espelho numa viagem de trem. Mas aqui, neste ensaio, Freud toma como material de investigação o que ele observa nas brincadeiras infantis e em incidentes da cura psicanalítica. São evidências que demonstram seu caráter pulsional e se manifestam como se tratasse de uma força “demoníaca” em ação, ao se oporem ao princípio de prazer. São eles: os sonhos traumáticos, os jogos infantis, a transferência e as neuroses de destino.

A respeito dos sonhos traumáticos, Freud sempre considerou o sonho como a via régia, o caminho mais seguro para a investigação do inconsciente. Denominou o processo que ocorre no inconsciente de processo psíquico primário (catexia

livremente móvel), em oposição ao processo secundário que se realiza em nossa vida desperta (catexia vinculada ou tônica). Constatou que cabe aos extratos superiores do aparelho psíquico o trabalho de fazer a ligação da excitação das pulsões, característica do processo primário, e só depois de efetuada esta ligação pode impor o predomínio do princípio de prazer ou de sua modificação, o princípio de realidade. O trabalho preliminar do aparelho psíquico é dominar e ligar a excitação, “não, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independente dele e, até certo ponto, desprezando-o” (FREUD, 1920/1980, p.52).

Freud encontrou uma característica essencial nos sonhos das neuroses traumáticas: o paciente é trazido de forma repetida para a situação do acidente numa tentativa de reintegrar o ocorrido, o que o leva a acordar sobressaltado. Esta fixação no momento da experiência do trauma é também o que acontece com os neuróticos, evidenciando as misteriosas tendências masoquistas do eu, mas que, no entanto, não contradiz a tendência dos sonhos como realizações alucinatórias de desejo sob o domínio do princípio de prazer. Os neuróticos, durante a cura psicanalítica, trazem sempre à lembrança os traumas psíquicos da infância, retornam à situação em que o trauma ocorreu pelo fato de que suas lembranças primitivas não se acham ligadas, ou assujeitadas, o que permite formar, por aderência aos restos diurnos, uma fantasia onírica. Nas neuroses traumáticas, também o sonho é a realização alucinatória de desejo, mas nelas é necessário, primeiramente, outro trabalho, de dominar retroativamente a excitação através do desenvolvimento da angústia, cuja omissão foi a causa da neurose traumática, para só depois atuar na dominância do princípio de prazer. Deduz, através destes sonhos, outra função do aparelho psíquico, que, embora sem se opor ao princípio do prazer, é independente dele, sendo mais primitivo do que a intenção de conseguir prazer e evitar o desprazer.

Eles surgem antes em obediência à compulsão à repetição, embora seja verdade que, na análise, essa compulsão é apoiada pelo desejo (incentivado pela ‘sugestão’) de conjurar o que foi esquecido e reprimido (FREUD, 1920/1980, p.48).

Freud continua afirmando que o sonho é a realização de desejo, mesmo quando são sonhos de angústia, uma vez que realizam um desejo derivado da

culpa. Mas com relação aos sonhos de transferência, que trazem recordações dos traumas da infância, ele os coloca como já não mais realizando um desejo, mas sim a serviço da compulsão à repetição.

Quanto aos jogos infantis, Freud coloca em relevo as primeiras atividades do funcionamento normal do aparelho psíquico, trazendo para o primeiro plano o ponto de vista econômico, a consecução de prazer. Toma como exemplo o jogo incansável de uma criança de um ano e meio de idade que repete, de preferência, a fase mais dolorosa da brincadeira, para descobrir o seu sentido. A criança tinha o costume de atirar quaisquer objetos para longe, embaixo da cama e enquanto executava esta manobra, emitia um agudo som “o-o-o-ó” com uma expressão interessada e satisfeita. Freud e sua mãe entenderam que não se tratava de uma interjeição e sim significava a palavra alemã *fort* (ir embora). Isto foi confirmado quando verificou que a criança tinha um carretel de madeira amarrado a um cordão que ela segurava e o arremessava por trás da cortina, de maneira que o carretel desaparecia e ela exclamava “o-o-o-ó”. Puxava, então, o carretel e saudava seu reaparecimento com alegria e a exclamação *da* (aqui). Era esta a sua brincadeira completa: desaparecimento e retorno, um jogo do qual não se cansava.

Mas o que chamava a atenção é que quase sempre só repetia o primeiro ato, apesar de que o maior prazer estivesse ligado ao segundo. A criança deixava a mãe ausentar-se sem resistência, quer dizer, sem protestar (o que lhe era certamente penoso), e convertia a experiência desagradável em jogo, repetindo o ato com os objetos que se encontravam ao seu alcance. As crianças, ao repetirem as experiências desagradáveis, ou mesmo as agradáveis, dominam de forma ativa a violenta impressão que receberam de forma passiva, em que era o objeto e sofria a experiência. Um jogo em que repete a experiência, embora desagradável, agora desempenhando o papel ativo. A criança manipula o carretel, mas o carretel é ela, o objeto manipulado pelo Outro.

É interessante como é o jogo em si mesmo que dá prazer e a criança se atém a repetir a primeira parte do jogo, a mais dolorosa. A parte do jogo valendo pelo todo. Fazer de novo a ausência do objeto e tratar-se como objeto ao se fazer desaparecer. Encontrou um método, já não era a mãe que desaparecia, era ela, a criança, o carretel, que se fazia desaparecer, ela é ativa em se fazer desaparecer. Ao invés de a mãe me bater sou eu que me bato. Tratar-se como objeto é sua forma

de identificar-se assumindo as insígnias do Outro. Ultrapassa, não eliminando, mas conservando e internalizando. É um momento que retorna e que se desenvolve porque foi fixado. No retorno está posta a compulsão à repetição. Freud fornece ainda outra interpretação ao jogo. Ao jogar o objeto de maneira que desaparecesse, ou que fosse embora, a criança alcançava a satisfação de um impulso vingativo contra a mãe por haver se separado dela. “Pois bem, então: vá embora! Não preciso de você. Sou eu que estou mandando você embora” (FREUD, 1920/1980, p.28).

O impulso de elaborar algo penoso, conseguindo seu domínio, pôde chegar assim a se manifestar como um evento primário e independente do princípio de prazer. “A criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta” (FREUD, 1920/1980, p.28). Esta produção de prazer corresponde ao gozo, noção que será desenvolvida, mais tarde, por Lacan, e que se fará essencial para a psicanálise. Freud argumenta ainda que é comum as crianças transformarem situações desagradáveis que lhe causaram profunda impressão, transferindo e repetindo-as através de brincadeiras com outras crianças e encontrando prazer advindo de outra fonte. É sua maneira de ab-reagir à intensidade da impressão, tornando-se donas da situação. Fazem sofrer os companheiros situações penosas, vingando-se assim em substitutos daquela situação desagradável que sofreu.

Existem meios e caminhos de converter uma experiência desagradável em objeto de recordação, sendo possível sua elaboração, o que comprova a existência e a dominância do princípio de prazer. Embora neste jogo a criança não forneça qualquer evidência da atuação de tendências mais primitivas, independentes e além do princípio do prazer, Freud considera este jogo uma grande realização cultural da criança, a renúncia à satisfação pulsional. Suspende o que é animal (bom e ruim) e se depara com o gozo, o que está para além do princípio do prazer e que é contrário à vida. É porque retorna que repete. Fazer de novo comporta o mesmo e o diferente. O retorno do significativo que foi fixado e repetir a satisfação se conectam entre si, donde o significativo e a pulsão são inseparáveis. Não podemos esquecer que Freud, no texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), já definia a pulsão como sendo um conceito limite entre o somático e o psíquico.

A respeito da transferência, os neuróticos repetem as situações fracassadas e as dolorosas sensações afetivas a elas relacionadas. No passado, a experiência ocasionou desprazer e agora são repetidas, com o mesmo desprazer, como se tratassem de experiências novas. Não se aprendeu nada com a experiência, e em vez de emergir como lembranças ou em sonhos, o que ocasionaria menos desprazer, agora são repetidas em uma situação atual pela pressão de uma compulsão. O analisante, em vez de recordar como algo do passado, passa a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência atual na transferência.

Essas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo e seus derivativos, e são invariavelmente atuadas (*acted out*) na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico (FREUD, 1920/1980, p.32).

Isto quer dizer que o analisante substitui uma neurose primitiva por uma neurose de transferência, única maneira de se entrar em análise. A transferência contém a repetição, mas não se confunde com ela. A repetição na transferência é a condição para a entrada e a permanência em uma análise. O analista se esforça para que o analisante traga para a lembrança seu passado esquecido e que a repetição surja o mínimo possível. Ao conseguir isto conquista a convicção do paciente e garante o êxito terapêutico.

A quarta manifestação da compulsão à repetição é situada por Freud na neurose de destino, que corresponde ao que se observa nas pessoas em geral, quer dizer, àquelas que não lidaram com um conflito neurótico, resolvido pela formação de um sintoma. Também elas em seu destino são determinadas por influências infantis precoces.

Essa “perpétua recorrência da mesma coisa” não nos causa espanto quando se refere a um comportamento ativo por parte da pessoa interessada, e podemos discernir nela um traço de caráter essencial que permanece sempre o mesmo, compelido a expressar-se por uma repetição das mesmas experiências (FREUD, 1920/1980, p.36).

A surpresa, no entanto, para Freud é se deparar com pessoas que tiveram uma atitude passiva diante de uma experiência da qual não possuíam qualquer influência e ela continua passando, uma e outras vezes, passivamente, pela repetição da mesma fatalidade. Freud conclui que “existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer” (FREUD, 1920/1980, p.36), e que vai mais além deste princípio. Até mesmo em pessoas fora de análise é possível verificar esta obsessão da repetição. É o caso de pessoas que insistem em repetir incessantemente episódios e reações dolorosas, mesmo que lhe sejam danosas e que não lhe tragam qualquer prazer. Outras que são perseguidas por um destino implacável, sem saber que são elas mesmas que preparam seu destino. Que força demoníaca era esta, que atuava como um fato psíquico e se configurava como destino? E ele responde na *Conferência 32* “em tais casos, atribuímos um caráter ‘demoníaco’ à compulsão à repetição” (FREUD, 1933[1932]/1980, p.133).

Freud acentua, portanto, o caráter demoníaco da compulsão à repetição e a conecta com a tendência de destruição verificada no masoquismo. O masoquismo, ou seja, “o instinto componente complementar do sadismo, deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio ego do sujeito” (FREUD, 1920/1980, p.75) e que o retorno da pulsão do objeto para o eu é a mesma coisa que a volta do eu para o objeto, o retorno para uma fase anterior da pulsão, portanto uma regressão. Esta constatação modifica sua concepção anterior, o masoquismo se torna primário e não mais o sadismo, como dissera anteriormente. Na pulsão sexual existe um componente sádico que, inclusive, pode alcançar independência e dominar todo o impulso sexual do indivíduo. É o que se verifica na perversão, e que também nas organizações pré-genitais predomina um componente sádico deste tipo como pulsão parcial.

O sadismo é “realmente uma pulsão de morte que, sob a influência da libido narcisista, foi expulso do eu e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto. Ele entra em ação a serviço da função sexual” (FREUD, 1920/1980, p.74). Admite então que o masoquismo, “o instinto componente complementar do sadismo, deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio ego do sujeito” (FREUD, 1920/1980, p.75). Ou seja, o retorno da pulsão do objeto para o eu é a mesma coisa que a volta do eu para o objeto. “O masoquismo, a volta do instinto

para o próprio ego do sujeito, constituiria, nesse caso, um retorno a uma fase anterior da história do instinto, uma regressão” (FREUD, 1920/1980, p.75).

As quatro evidências investigadas por Freud deixam claro o esforço de simbolização e elaboração do traumático: o sujeito passa de agente passivo à agente ativo, embora esteja fazendo alguma coisa por motivos diferentes. Mas existe algo que está para além, existem elementos sobredeterminados no aparelho. Quando repete, está fazendo algo que é além do princípio de prazer, alguma coisa em você que te domina, mesmo você fazendo algo que não dá prazer. Tem algo em você que te ultrapassa e, no entanto, você é responsável por isso. Freud admite então a

(...) hipótese de uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio do prazer que ela domina. Mas, se uma compulsão à repetição opera realmente na mente, ficaríamos satisfeitos em conhecer algo sobre ela, aprender a que função corresponde, sob que condições pode surgir e qual é sua relação com o princípio de prazer, ao qual, afinal de contas, até agora atribuímos dominância sobre o curso dos processos de excitação na vida mental (FREUD, 1920/1980, p.37).

Ele constata que a compulsão à repetição não é uma resistência do inconsciente. Pelo contrário, o inconsciente se esforça por abrir caminho para a consciência ou achar uma descarga por meio de uma ação real, vencendo a pressão a que se acha submetido. A resistência que aparece durante o tratamento procede dos mesmos extratos e sistemas que levaram à repressão e são também inconscientes no princípio da cura, exigindo uma correção na terminologia. É necessário opor não o inconsciente e o consciente, e sim a oposição que se realiza entre o eu coerente e o reprimido. Grande parte do eu é inconsciente, principalmente o seu núcleo, o umbigo dos sonhos, e apenas um pequeno setor pode ser abrangido pelo que se chama pré-consciente. “Não há dúvida de que a resistência do ego consciente e inconsciente funciona sob a influência do princípio de prazer; ele busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido” (FREUD, 1920/1980, p.33). Tudo aquilo que a compulsão à repetição faz viver de novo causa desprazer ao eu, pois se trata de funções dos impulsos pulsionais reprimidos. No entanto, é desprazer para um sistema, ao mesmo tempo prazer para o outro, o que não contraria o princípio de prazer.

Freud observa, então, um fato novo e surpreendente: a compulsão à repetição através da rememoração reproduz experiências do passado que nunca trouxeram satisfação nem mesmo quando ocorreram. Trata-se do primeiro florescimento da vida sexual infantil, o amor típico desta época que está destinado a ser derrotado e chegar a um fim, em consequência de seu desejo inconciliável com a realidade e do grau insuficiente de evolução física da criança, que não consegue alcançar uma conclusão satisfatória nas suas explorações sexuais e que, ao sucumbir, deixa atrás de si dolorosas sensações. A perda do amor e o fracasso deixam uma cicatriz narcísica no eu.

As pulsões de autoconservação, longe de ser o que impulsiona a modificação e a evolução, estão historicamente determinadas e são a manifestação da natureza conservadora da substância viva. São uma tendência a uma regressão e à restauração do passado, seja por caminhos antigos ou novos - reconstituir um estado anterior e, diante de qualquer perturbação, a pulsão tenta restaurá-lo novamente. É esta tendência que provoca os fenômenos de compulsão à repetição. O objetivo último das pulsões é alcançar o estado antigo, um estado de partida, do qual se afastou e que insiste em retornar, usando não importa quais rodeios. “O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo” (FREUD, 1920/1980, p.57).

As pulsões de autoconservação, portanto, são pulsões parciais e estão destinados a assegurar ao organismo seu particular caminho para a morte, obrigando-o a desvios e rodeios cada vez mais complicados antes de atingir a morte, além de ter que manter longe todos os modos de volta ao inanimado que não sejam imanentes àquele organismo. Freud descobre então, um caráter geral dos instintos e até mesmo da vida orgânica em geral:

(...) parece, então, que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia da vida orgânica (FREUD, 1920/1980, p.54).

Esta função está relacionada à aspiração de toda substância viva, o retorno ao silêncio do mundo inorgânico. A característica geral das pulsões de querer

restaurar um estado anterior é o que permite reconhecer na vida anímica tantos processos que se realizam independentes do princípio de prazer. Não quer dizer que são opostos ao princípio de prazer, mas sim que este princípio ainda não possui o domínio sobre estes processos. Esta obsessão à repetição demonstra a natureza conservadora das pulsões. Durante o tratamento analítico, experiências esquecidas e reprimidas da infância se reproduzem nos sonhos e na transferência, mesmo que esta revivescência seja contrária ao princípio de prazer. Contudo, “nada disso contradiz o princípio de prazer: a repetição, a reexperiência de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer” (FREUD, 1920/1980, p.53).

Freud se pergunta se as sensações de prazer e desprazer podem ser produzidas de igual forma por processos excitantes ligados e por livres. Admite que em princípio só os processos livres ou primários existiam, são os mais antigos e são responsáveis por sensações mais intensas do que os processos vinculados ou secundários. Caso o princípio de prazer não estivesse em atividade nestes processos primários, não poderia se estender para os posteriores processos vinculados ou secundários. Posteriormente, a vigência do princípio de prazer se torna mais segura, mas também tem que se sujeitar aos processos das pulsões. Constata-se, portanto, que aquilo que faz surgir nos processos de excitação as sensações de prazer ou de desprazer está presente tanto nos processos primários quanto nos secundários.

Descobrimos que uma das mais antigas e importantes funções do aparelho mental é sujeitar os impulsos instintuais que com ele se chocam, substituir o processo primário que neles predomina pelo processo secundário, e converter sua energia catéxica livremente móvel numa catexia principalmente quiescente (tônica) (FREUD, 1920/1980, p.83).

Efetuar esta transformação de substituir processos primários em secundários sem levar em conta o desprazer não significa a derrota do princípio de prazer, e sim que esta conversão de sua energia móvel em energia ligada está também a seu serviço, uma vez que fazer a ligação é um ato preparatório que introduz e assegura seu domínio.

Estas circunstâncias determinam dois resultados. O primeiro é a predominância das sensações prazer-desprazer sobre todas as excitações externas.

O segundo, quando as excitações internas causam intenso desprazer e são tratadas como se viessem de fora, acionando o dispositivo de proteção contra estímulos como meio de defesa. A ruptura da barreira de proteção provoca uma grande perturbação no organismo, o aparelho psíquico é inundado por grande quantidade de excitação e imediatamente são colocados em movimento todos os meios de defesa possíveis, deixando fora do jogo o princípio de prazer. Faz-se necessário um grande trabalho, dominar as excitações invasoras, ligá-las psiquicamente e realizar sua descarga. A camada cortical que recebe os estímulos vindos do interior, por não possuir um dispositivo protetor contra as excitações, adquire grande importância e é preponderante quando se trata dos distúrbios econômicos e se comparam às neuroses traumáticas.

Foi a partir da experiência clínica que Freud comprovou o fato de que a compulsão à repetição se impõe e sobrepuja ambos os princípios: o princípio de prazer e o princípio de realidade. A força pulsional persistente da compulsão à repetição que repete o desagradável com seu aspecto doloroso demonstra a impossibilidade de se livrar do movimento de regressão, independente de seu conteúdo. Primeiramente, foi a análise das neuroses de transferência que levou Freud a reconhecer a oposição entre as pulsões sexuais dirigidas para o objeto e outras pulsões que denominou pulsões do eu, dedicadas à autopreservação do indivíduo. Com esta concepção a psicanálise pode avançar até certo ponto.

Depois, com o conceito de sexualidade e de pulsão sexual, a psicanálise precisou ser ampliada para abarcar muito mais coisas do que somente a função reprodutora. Depois ainda, com a investigação do eu, que em princípio era tido apenas como uma instância responsável pela repressão, pela censura e capaz de constituir dispositivos protetores e reativos, a psicanálise observou que regularmente a libido é retirada do objeto e voltada para o eu. Através do estudo do desenvolvimento da libido das crianças nas primeiras fases pode verificar “que o eu é o verdadeiro e original reservatório da libido, sendo apenas desse reservatório que ela se estende para os objetos” (FREUD, 1920g/1980, p.72). Sem esquecer que depois, em 1923, em nota de rodapé, perto do início do capítulo III de *O Ego e o Id*, ele corrige esta afirmação e descreve o id como “o grande reservatório da libido”.

Vejamos o que diz Freud na nota de rodapé, acrescentada em 1921, no ensaio *Além do princípio de prazer* (1920). Ele comenta que partiu do que já é

conhecido em se tratando das pulsões sexuais e suas relações com o sexo e com a reprodução. Com o estabelecimento da libido narcísica e estendendo o conceito de libido à célula isolada, converteu a pulsão sexual no Eros que se esforça por aproximar e manter unida as partes da substância viva. As assim chamadas pulsões sexuais são parte de Eros dirigida para o objeto. Eros atua desde o princípio da vida, como pulsão de vida oposta à pulsão de morte, que tem sua origem na vivificação da substância inorgânica. E estas duas pulsões lutam entre si desde o começo.

Quanto às pulsões do eu, elas também sofreram transformações. Inicialmente, referia-se àquelas tendências pulsionais distintas das pulsões sexuais que se dirigiam para o objeto e cuja manifestação é a libido. A oposição se punha entre pulsões do eu e pulsões sexuais. Depois, verificou que uma parte do eu também é de caráter libidinal e pode tomar o próprio eu como seu objeto. Então estas pulsões narcisistas de conservação foram incluídas entre as pulsões sexuais libidinais, transformando a antítese entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais, ou seja, entre pulsões do eu e pulsões de objeto, ambas de caráter libidinal. Nova oposição surgiu, agora entre as pulsões libidinais (do eu e do objeto), e as demais que se encontram no eu e que são as pulsões de destruição. Desta maneira, a oposição se transformou entre pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte. Freud postula então a pulsão de morte, o que há de mais demoníaco na pulsão uma tendência de descarga absoluta, de retorno à origem, anterior à vida, um estado de não vivente, em absoluto repouso, o nirvana.

Neste ensaio, *Além do princípio de prazer*, Freud também desmistifica a crença de que haveria no ser humano um instinto de aperfeiçoamento, de realização intelectual e de postura ética. Aquele impulso incansável de maior perfeição que se observa em alguns poucos humanos é consequência da repressão dos instintos, processo responsável pelo que é mais valioso nas realizações humanas. Embora as condições dinâmicas existam em todos os homens, somente em raros casos a situação econômica favorece tal fenômeno, “o instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca de satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação” (FREUD, 1920/1980, p.60). As formações substitutivas ou reativas, e mesmo a sublimação, são incapazes para cessar a tensão insistente entre os instintos. A total satisfação fica impedida pelas

resistências que mantêm as repressões, não restando outro remédio senão avançar, sem, contudo, alcançar o objetivo, uma vez que é impossível.

A diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas, nas palavras do poeta, pressiona sempre para frente, indomado (Fausto, Parte I [Cena 4]) (FREUD, 1920/1980, p.60).

A compulsão à repetição é ela própria *Unheimlich*, uma coisa que causa angústia. É a fronteira que aparece entre o morto e o vivo. O retorno não é intencional e se trata da mesma coisa.

Nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1932), Lição XXXII: *A angústia e a vida pulsional*, ele acrescenta alguns esclarecimentos. Ao se encontrar com a resistência que o analisante opõe ao trabalho analítico, de trazer o inconsciente à consciência, verificou que o analisante nada sabia desta resistência, ou seja, que era inconsciente, assim como também eram inconscientes os motivos que o levaram a resistir. Percebeu, então, que o analisante apresentava um intenso sentimento inconsciente de culpa que se manifestava na necessidade de castigo, ou seja, um desejo masoquista. E que tal sentimento é o pior inimigo para a cura. Quando muito intenso, se manifesta no tratamento como reação terapêutica negativa, o que dificulta o prognóstico. Ao invés de solucionar seus sintomas, os exacerba, piorando sua condição. Em outras palavras, estar doente é o que desejam. O paciente se aferra e alcança satisfação no sofrimento.

Teoricamente, com efeito, temos dúvidas quanto a se devemos supor que toda a agressividade que retornou do mundo externo é ligada pelo superego e, por conseguinte, voltada contra o ego; ou se devemos supor que uma parte da mesma está exercendo sua atividade muda e sinistra, sob a forma de instinto destrutivo livre, no ego e no id. (FREUD, 1932/1980, p.136).

Esta necessidade inconsciente de castigo acompanha toda a enfermidade neurótica e corresponde a porção de agressão internalizada e assumida pelo supereu.

Em *Análise terminável e interminável* (1937), Freud reafirma que, levando em conta os fenômenos do masoquismo, a reação terapêutica negativa e o sentimento

de culpa dos neuróticos, não acredita que os sentimentos psíquicos se achem governados exclusivamente pelo princípio de prazer.

Estes fenômenos constituem indicações inequívocas da presença de um poder na vida mental que chamamos de instinto de agressividade ou de destruição, segundo seus objetivos, e que remontamos ao instinto de morte original da matéria (FREUD, 1937/1980, p. 276).

E que somente a ação conjunta, embora oposta e concorrente das pulsões primevas, Eros e pulsões de morte, pode explicar a multiplicidade da vida.

Laplanche e Pontalis argumentam que a repetição pode ser pensada sob dois aspectos. O primeiro no nível da psicopatologia: um processo incoercível que se torna visível nos sintomas, situações penosas nas quais o sujeito se coloca de maneira ativa, atualizando experiências antigas como se fossem atuais. E segundo, como um fator autônomo e irreduzível que faz parte da dinâmica psíquica e aponta para o mais além do princípio de prazer o que demonstra a característica conservadora das pulsões. A explicitação de Kaufmann também se refere a dois aspectos da repetição: seu aspecto contingente nos sintomas e, portanto, insuperável; e o outro aspecto fazendo parte da estrutura do sujeito.

Cabas (2009, p.78) se refere também às duas modalidades de repetição encontradas na obra de Freud: a repetição inconsciente e a compulsão à repetição. Esclarece que a repetição inconsciente reitera ideias, lembranças e representações, percorrendo sempre o mesmo caminho com uma monótona insistência. A livre associação realiza uma trama em que a cadeia associativa se expande progressivamente até encontrar um limite, fazendo aí o caminho inverso até confluir em um ponto único, um ponto cego, o núcleo, que é o que Freud chamou de *Wiederkehr* – retorno. “O impulso a refazer o mesmo caminho (...) e a compulsão à repetição”. (CABAS, 2009, p.78). Este ponto de saturação que Freud chamou de umbigo dos sonhos. Este umbigo, para além do simbólico, “esse ponto é o selo, a marca de origem que denota a presença da exigência pulsional”. (CABAS, 2009, p.79)

É interessante observar o caminho realizado por Freud em suas elaborações, as revisões e os acréscimos até desembocar no conceito de compulsão à repetição.

E perceber que ele avançava na teoria na medida em que modifica a direção do tratamento e a idéia da cura. Ele partiu da idéia de que era possível interromper a repetição pelo levantamento do recalque até encontrar que a compulsão à repetição é radicalmente, distinta e fundamental, fazendo parte da estrutura mesma do inconsciente. Ou seja, “até a conclusão de que essa repetição é constituinte/constitutiva do sujeito” (KAUFMANN, 1996, p.451).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso percurso, tomamos a obra de Freud, desde os seus antecedentes e os seus escritos pré-psicanalíticos, e fomos acompanhando, em uma leitura textual atenta, suas elaborações até culminarem na formalização definitiva do conceito de compulsão à repetição, em 1920 no artigo *Além do princípio de prazer*. É interessante destacar que isto também significou passar, em Freud, mas segundo uma orientação fornecida por Lacan, tal como colocado em nossa introdução, pelo aprofundamento e revisão dos três outros conceitos fundamentais associados ao tema da repetição. Portanto, interrogar o conceito de repetição e seu enlaçamento com os outros três conceitos fundamentais na obra de Freud permitiu apreender sua importância para a teoria psicanalítica e como foi abordada essa problemática que tanto inquieta na clínica. Vimos que a repetição como conceito fundamental já está na obra freudiana desde o começo, mesmo que tenha sido Lacan aquele que a situa explicitamente na série dos conceitos fundamentais. Se a psicanálise é a clínica da repetição, por isso mesmo ela deve estar de algum modo presente desde o começo, constituindo aquilo que Freud nunca deixará de retornar em todo o percurso de sua reflexão.

De fato, Lacan tem razão, os quatro conceitos fundamentais compõem um nó impossível de desatar, um nó que amarra a própria unidade da obra de Freud. Ao falarmos de um dos conceitos, o de repetição, os outros três se põem em perspectiva. Esta perspectiva é aquela que assinala que os três conceitos são fundamentais, na medida em que são modulados pelo problema da repetição. A repetição se apresentou para nós, então, como um atributo essencial dos três conceitos, sem que, entretanto, obviamente, eles simplesmente se reduzam ao seu atributo principal, ao quarto conceito fundamental de repetição. Este conceito forma, desta maneira, uma espécie de ausência na série dos atributos particulares de cada um deles.

Nesse sentido, se o fundamental de repetição atravessa cada um dos outros três em seu enodamento, então nos parece que a repetição se torna dentro deste conjunto uma espécie de conceito auto-referente. Tal aparece inclusive em sua forma de construção como uma espécie de conceito contraditório, em uma

identidade de opostos. A repetição é como *Janus*, dando origem a um conceito bifronte. A repetição simultaneamente dá origem a uma regra do funcionamento psíquico e é também um excesso que a contraria. A repetição forma, assim, uma circularidade, e ao mesmo tempo é de natureza regressiva. Detém deste modo, um caráter ambíguo, bifendido, um aspecto em si mesmo duplo – por um lado, é o movimento da vida e, por outro, da morte, retorno ao inanimado, diz Freud. O destino, a que se refere continuamente Freud, é a algo da repetição. E nisso, o destino no qual se manifesta a repetição adquire sua face sinistra, justamente por que repete. No entanto, repete um mesmo que nunca é exatamente o mesmo ou nunca exatamente da mesma maneira, e é esta possibilidade do novo, da surpresa e da novidade uma face, entretanto da mesma repetição.

Assim, na psicanálise, os conceitos circunscrevem operações práticas, mas para que Freud pudesse definir e dar o devido lugar à compulsão à repetição como conceito, precisou primeiramente aprofundar os outros que junto a ele perfazem o fundamento da psicanálise. Ele abordou o conceito de transferência em seu caráter de “atualização” da realidade do inconsciente, na medida em que nesta “atualização” é possível se reconhecer um atributo temporal essencial da repetição. Repetir é atualizar, isto é, tornar presente novamente ou, mais precisamente, suspender a diferença entre passado, presente e futuro. O conceito de inconsciente, para esclarecer outro atributo da repetição, a ação incessante e contínua do recalque e sua relação com a regressão, por sua vez, também se apresenta obrigatoriamente nas formações do inconsciente, como no caso exemplar do sintoma como indissociável da repetição.

O conceito de pulsão, uma vez que a pulsão se caracteriza como uma “pressão constante” que repete e impulsiona, também se mostrou assim para nós se constituir como inseparável da repetição. E se foi através desta investigação que Freud encontrou o que é mais particular da compulsão à repetição, isto, entretanto se deu tardiamente em sua obra, em 1920, no artigo *Além do princípio de prazer*. Ele enfim precisou de tempo para investigar, elaborar e formalizar este conceito. Depois que o fez, poucas modificações ele sofreu.

Tudo isso que a análise dos conceitos manifesta possui uma íntima relação com a prática clínica. Freud inaugura a psicanálise partindo do que ouvia dos seus pacientes. E foi na aplicação do método, ao procurar revelar o recalcado, que se

deparou com um limite, um limite à rememoração, que fazendo obstáculo à interpretação não permitia o avanço do trabalho. Mas como o sintoma só pode ser considerado no campo da linguagem, uma vez que o sujeito fala pelo sintoma, esta é a sua maneira de se dizer e enunciar um apelo a ser ouvido. Na análise do sintoma, portanto, Freud encontrou algo, um elemento suplementar, um a mais que é gerado na representação como um resto, um resíduo que insiste, não cessa de perturbar e faz sofrer. Sobre este resíduo repetitivo no sintoma, típico das formações do inconsciente, cada analisante já tem algo da ordem de um saber inconsciente, mas é do que continua sofrendo.

Ficou confirmada, com a releitura dos escritos freudianos, compreendendo o período de 1886 até 1899, que a repetição teve sua entrada na psicanálise por este mesmo sintoma, ou seja, a descoberta primeira do que se repete está ligada ao sintoma. E sempre foi assim. É pelo sintoma, afinal, que se procura uma análise. Não importa se vivido pelo excesso ou se pela falta, na demanda de uma análise sempre nos deparamos com alguém que sofre demais daquilo que desconhece de sua repetição, e que forma para ele o coração do que tem medo, que lhe soa como um destino sinistro, como uma força demoníaca e que causa um profundo desassossego. Mas, diferente do caráter pontual da manifestação das formações do inconsciente, como no caso dos sonhos ou dos atos falhos, por exemplo, o sintoma possui uma forma típica de permanência, isto é, expressando-se de maneira incessante. O sintoma, nesse sentido, se manifesta de maneira contínua, inclusive acompanhando todos os passos de uma psicanálise. Ele é insistente, repetitivo e gera mal-estar. E não será precisamente por esta condição de permanência de um mal-estar incessante que o sintoma serviu de baliza para o psicanalista na direção de uma cura referida ao problema da repetição?

Constata-se também que, com todo o rigor, Freud procurou construir uma teoria para a cura das neuroses. Foi ao se deparar com as resistências ao tratamento psicanalítico – que se manifestavam essencialmente na atitude do paciente frente à cura, esquecendo o compromisso de falar livremente tudo que lhe viesse à mente, sem censura – que Freud avançou na teoria e formalizou os conceitos que se fizeram fundamentais para a psicanálise. Ficou demonstrado para nós, portanto, que a investigação, a teoria e a prática estão estritamente entrelaçadas, e que sempre se tratou de trazer o inconsciente à consciência,

características estas que justamente se referem de maneira eminente ao problema daquilo que repete em análise. É justamente na medida em que aborda o problema da repetição – no sintoma, por exemplo –, que a teoria psicanalítica não pode ser dissociada do seu método. Neste sentido, este percurso inicial de Freud pela hipnose, por seus avanços e modificações, até desembocar finalmente no método psicanalítico, reflete seu esforço em dar conta teoricamente e clinicamente do problema da repetição.

Desse modo, buscando desde muito cedo tratar aquilo que se manifestava na repetição, Freud encontrou as defesas e classificou as neuroses como neuroses de defesa. Depois, dentre estas defesas, colocou em relevo o recalcamiento, passando a chamá-las de psiconeuroses de recalcamiento. Pode-se afirmar, portanto, que a repetição foi identificada inicialmente por Freud com o que insiste e não cede e que é tendência de toda neurose.

Aliás, o próprio método empregado pela psicanálise detém esta característica da repetição. Ademais, há algo da repetição que fica provado na escritura do texto freudiano: ele mesmo se apresenta como fruto de repetições. Mas o que Freud desenvolve nesses escritos pré-psicanalíticos não é suficiente. Foi necessária a formulação da teoria das pulsões para decifrar os impasses na clínica no que se referia aos fenômenos da repetição inconsciente. Ao avançar, se deparou com outra dimensão: a compulsão à repetição em sua exigência de satisfação. O conceito de compulsão à repetição vai, portanto, ganhando esta outra dimensão e certas perguntas precisam ser colocadas: o que é o mais essencial da repetição para se constituir como um conceito independente? E se um conceito indica que estamos em um determinado campo e que pode se referir a uma pluralidade de coisas como, no entanto, pode ser isolado este traço essencial? Que traço essencial, discreto e contínuo é este que pode ser contável e contado e que se torna propriedade, atributo e modalidade dos outros conceitos fundamentais?

Será necessário o avanço da teoria, e também a análise de Freud, para que ele possa finalmente formalizar e precisar os conceitos fundamentais: transferência, inconsciente e pulsão, para desembocar finalmente na especificidade do conceito de compulsão à repetição e sua relação com cada um deles.

A transferência se confirmou como um conceito fundamental, uma vez que ela é o núcleo da experiência analítica determinada por uma práxis e se constitui como

o mais vivo e o mais ardente da teoria. Freud descobre a repetição que se manifesta na transferência. É uma situação ímpar na qual estão incluídos o analista e o analisante. A entrada em análise se dá quando se estabelece a neurose de transferência, mas agora se trata de um repetir para saber, embora os conflitos se intensifiquem e os sintomas se agravem, e isso faz parte do tratamento, um agravamento necessário. Inicialmente, cabe ao analista revelar a resistência envolvida na situação e torná-la conhecida pelo paciente. É um processo que requer tempo, não podendo ser apressado para que o analisante possa elaborar e dominar a resistência.

A resistência se configura como a parte mais sofrida da análise e, no entanto, quanto mais intensa, constitui um sinal de que o trabalho está avançando. O paciente inicialmente quer alguma coisa, mas não quer uma análise e cabe às entrevistas preliminares fomentar uma mudança na atitude do paciente para com a sua enfermidade, ou seja, uma retificação subjetiva capaz de engendrar um desejo decidido de querer saber e de buscar a cura.

Mas outro perigo também ronda a análise: a repetição de impulsos oriundos de estratos mais profundos que até aquele momento não haviam emergido ainda. A tática a ser adotada pelo analista consiste, desde o início e sempre, em evocar a lembrança e os impulsos para o terreno psíquico e não para a mobilidade. E este trabalho não tem fim, é uma luta contínua e considera-se um triunfo mudar a direção daquilo que tendia para a mobilidade por meio do trabalho de recordar. É pela adesão ao tratamento que se pode saber da repetição, uma vez que o sintoma se atualiza na neurose de transferência e permite que o analisante não execute algumas das ações repetitivas e que as tome como material de trabalho. A elaboração ou, como dirá Lacan, o tempo para compreender, requer paciência e espera por parte do analista e que não responda a nenhuma demanda.

Se levarmos em conta que quando se fala se demanda sempre, uma vez que a pulsão como demanda exige um ato para encontrar a satisfação, portanto, é com a demanda o trabalho de uma psicanálise e o que pode ser modificado, mas claro, sem nunca ser eliminada totalmente, afinal é este excesso que move o aparelho. Então o que se espera do analisante é uma mudança de posição em que não mais exija do outro a satisfação de sua demanda. Pode-se também dizer que, quando se tratam das formações do inconsciente, sonhos, atos falhos e chiste, o desejo é o que

causa o movimento. No que se refere ao sintoma, sua causa é a pulsão. E se é pelo sintoma que Freud inicia e vai avançando na elaboração da teoria analítica, não podemos esquecer que ele encontrou sempre que o sintoma traz satisfação, por isso é tão difícil livrar-se dele.

A opacidade do conceito de pulsão foi sempre perfeitamente aceita e admitida por Freud. Foi sempre da ordem de um conceito mítico, híbrido e obscuro e, por isso mesmo, um tema intrigante, instigante, e um dos mais ricos da psicanálise, bem como um dos mais difíceis de ser assimilado. Não se pode prescindir dele na clínica e ao mesmo tempo se trata de uma necessidade lógica da doutrina da psicanálise. O mito fundador da psicanálise é a pulsão, e como todo mito recobre e representa uma ausência de saber efetivo. No entanto, funda e ordena um campo coerente. É um conceito ficcional que não provém da experiência, é suplementar, tem que ser acrescentado à experiência para instituir o campo, o campo do inconsciente. A ficção é irrefutável e inegável porque organiza a contradição. É o lugar, por excelência, da cisão entre significante e pulsão. A teoria da pulsão é, portanto, uma mitologia, não existe, não é quantidade e seu referente é nada. No entanto, precisamos dela, uma vez que o corpo orienta e permite operar com ela. Tira-se a pulsão e não se tem a psicanálise. Portanto, é um conceito fundamental.

Para ilustrarmos este ponto central da repetição, que somente pode ser abordado através do domínio do mitológico e do ficcional, podemos nos lembrar aqui da série de exemplos estranhos e singulares apresentados por Freud no artigo *O estranho*. Trata-se de exemplos que participam de dois registros diferentes: no primeiro estão os fenômenos inconscientes que detêm a característica de serem pontuais, efêmeros e imaginários; no segundo registro, encontramos aqueles que se constituem como perturbações permanentes do psiquismo, como no caso da ameaça de castração, da repetição involuntária e do supereu.

No entanto, ambos os registros podem também ser agrupados e sintetizados em uma única constatação: tudo aquilo que se refere ao estranho satisfaz a condição de que “retorna” algo que deveria ficar oculto graças à repressão. “O estranho provém de algo familiar que foi reprimido” (FREUD, 1919/1980, p.307). E Freud continua: “implica numa repressão real de algum conteúdo de pensamento e num retorno desse conteúdo reprimido, não num cessar da crença da realidade de tal conteúdo” (FREUD, 1919/1980, p.309).

Pode-se, portanto, dizer que o efeito inquietante, típico daquilo que comparece sob a forma da repetição, é frequentemente atingido quando a fronteira entre a fantasia e a realidade, entre significante e significado, entre sujeito e objeto, se rompe, uma característica que participa essencialmente daquilo que Lacan intitulou de gozo. É uma experiência de positividade que paradoxalmente a própria realidade não comporta. Algo do objeto comparece sem a necessidade do registro normal das representações que, portanto, somente aparece como deslocado, ou seja, o estranho é a conotação do que repete. Nisso, se trata de uma ausência tornada visível, fazendo com que esse objeto em questão na repetição não possa ser sabido. Neste sentido, violentando a esfera das representações e do sentido, o estranho da repetição contraria o princípio de prazer, fazendo com que, quando compareça, produza divisão subjetiva. Em suma, haverá estranhamento onde aconteça a repetição.

Freud sempre se manteve dualista, um dualismo exigido em última instância pelo próprio tema da repetição. Mas foi no ensaio, *Além do princípio de prazer* (1920), que ele instaurou definitivamente o dualismo pulsional que se manterá, apesar das controvérsias e oposições, e que causou uma mudança radical em toda a teoria e prática da psicanálise. Ele fez uma nítida separação e reconheceu a oposição entre as pulsões do eu ou pulsões de morte e as pulsões sexuais ou pulsões de vida. As pulsões de vida buscando reunir substância viva em unidades maiores e as pulsões de morte procurando levar a vida a um estado inorgânico.

Percebeu também que o amor objetual apresenta uma segunda polarização deste gênero, amor (afeição) e o ódio (agressividade) e verificou que é possível relacionar estas duas polaridades, reduzindo-as a apenas uma. A experiência lhe veio da prática clínica e lhe deu segurança e certeza quanto à extensão do conceito de sexualidade e o estabelecimento do narcisismo, e que também o caráter regressivo das pulsões se apoia totalmente em fatos observados na compulsão à repetição. A resistência do analisante tem sua origem no eu e a compulsão à repetição deve ser imputada ao reprimido inconsciente e que só pode ser acessada depois que o trabalho de análise debilitou a repressão e que apareceu atuado na transferência. O psicanalista dirige seus esforços no sentido de que o paciente admita suportando este desprazer, ou seja, fazendo uma chamada ao princípio de realidade.

A mesma compulsão à repetição se apresenta frequentemente como um obstáculo à cura, quando os pacientes ao final da análise não querem se separar definitivamente do analista. E pode-se também aceitar que pessoas que sentem um medo obscuro em procurar uma análise, uma vez que poderiam despertar algo que preferem deixar em repouso, o que temem no fundo é encontrar-se com esta compulsão demoníaca. Para Freud, no que ele encontra em seus pacientes o além do princípio de prazer contrariando o princípio de prazer, fez-se necessário um novo conceito, a compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*).

A compulsão à repetição para ele se torna uma necessidade de repetição, um imperativo, a busca contínua pelo objeto perdido. E foi na observação dos sintomas neuróticos que constatou a existência dessa compulsão à repetição que levava o sujeito a se colocar em situações que repetiam experiências precoces e dolorosas, o que lhe permitiu teorizar o que denominou de pulsão de morte. O princípio de prazer já não dava conta de explicar o que acontecia e será por isso convocada a hipótese da pulsão de morte, difícil de ser isolada ou mesmo localizada, e cuja meta seria “reconduzir o que está vivo ao estado inorgânico”. Esta passou, então, a ser o protótipo da pulsão, cuja característica regressiva se manifesta no movimento de retorno a um estado anterior. As pulsões de morte se defrontam constantemente com Eros, as pulsões de vida. Quer dizer, as pulsões que anteriormente Freud chamara de pulsões sexuais e pulsões do eu e a ação conjunta e oposta dessas pulsões é responsável por todos os processos da vida até que a morte lhes venha por um fim. Freud reconhece o caráter especulativo do conceito de pulsão de morte, uma vez que não se consegue apreender sua ação em nenhuma experiência. Só é possível encontrá-la amalgamada à pulsão de vida, sob a forma da agressão.

De fato, a agressão comporta o registro da pulsão de vida enquanto tendência a possuir o objeto, reunir-se com ele. E o registro da pulsão de morte, em sua tendência de destruí-lo. O sentimento de culpa também é o resultado dessa fusão das pulsões, da luta eterna entre *Eros* e *Thânatos*, condição necessária para o homem viver em sociedade.

Concluimos, finalmente, que a psicanálise é, no final das contas, um tratamento da compulsão à repetição e que a repetição constitui assim o objeto mesmo da psicanálise. A compulsão à repetição é o que une e enlaça teoria e prática e dá sentido específico para a sua clínica, unificando nosso percurso de

Freud à Lacan. Neste sentido, nos parece que a repetição é um conceito freudiano que desemboca, entretanto, quase obrigatoriamente, em Lacan, em seu conceito de gozo. Aliás, um termo que Lacan, no seminário livro 17, *O avesso da psicanálise* (1969-1970), diz que gostaria que fosse chamado o campo lacaniano. Mas aqui chegamos ao limite deste trabalho e investigar esta temática em Lacan é assunto para uma próxima pesquisa.

Gostaríamos de terminar nosso percurso também pensando sobre o que indica o lugar da compulsão à repetição em um percurso de análise. É um trabalho bastante árduo por parte do sujeito, onde “o discurso necessita prosseguir durante um longo tempo, para que o sujeito possa engajar-se na ordem do discurso como trabalho” (PAIVA, 2016, p. 205) e não mais como demanda de amor dirigida ao analista. “É preciso que depreenda da coisa vivida em análise: sua busca, sua briga e tudo que o enlaça com o que se chama análise das resistências” (PAIVA, 2016, p.205). E isso depende de cada analisante e da intensidade das pulsões que estão em jogo em sua cura até que possa finalmente chegar a uma conclusão: *Tu és isso*.

Mas isso também não basta apenas em seu ato final de reconhecimento, é necessário ainda mais tempo para consentir com esta conclusão para que ela se torne efetiva. Existe algo em nós que possui uma pretensão que não diminui nem em função de se satisfazer, nem com a aprendizagem. Não se pauta pela impossibilidade de prazer e nem pelo saber. É irrealista e absurda, não aparecendo do ponto de vista de uma lembrança e sim como ato e por isso é muda. Por isto mesmo, trata-se aí de uma assunção subjetiva que se realiza quando se aproxima do terminável da análise, ou seja, onde se dará finalmente a cura da neurose de transferência. Consentir se refere a uma decisão ética, fundada no desejo, no desejo do Outro.

O final de uma análise se torna, a partir daí, um saber de si que toca o horror de saber, um encontro com a própria divisão e com o resto que o causa. O sujeito se reconhece marcado na carne pela voz do Outro. Neste momento, lê-se a primeira interpretação que ficou escrita ali e se faz possível a retificação desta primeira interpretação. Não há desejo sem gozo e nem é possível acabar com a satisfação da pulsão, mas há algo desse gozo que pode se tornar desfrutável e não aniquilador, uma forma de repetição com a qual poderemos enfim consentir.

REFERÊNCIAS

APARÍCIO, Sol. La compulsion à la répétition. In: **Ornicar?** Revue Du Champ freudien, nº 47, oct.-déc. 1988, p. 34-45.

CABAS, Antonio G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

FREUD, S. Observação sobre um caso grave de hemianestesia em um homem histérico (1886). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 1, p. 59-70.

FREUD, S. Histeria (1888). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 1, p. 79-100.

FREUD, S. Um caso de cura pelo hipnotismo (1892-93). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 1, p. 135-147.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950[1892-1899]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 1, p. 197-300.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 1, p. 395-506.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 2, p. 17-296.

FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 39-56.

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa (1894). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 57-74.

FREUD, S. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895[1894]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 89-106.

FREUD, S. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular denominada “neurose de angústia” (1895[1894]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 107-142.

FREUD, S. Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia (1895). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 117-132.

FREUD, S. A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 133-148.

FREUD, S. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 187-216.

FREUD, S. A etiologia da histeria (1896). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 217-254.

FREUD, S. Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sig. Freud (1877-1897[1897]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 255-288.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 289-316.

FREUD, S. O mecanismo psíquico do esquecimento (1898). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 317-332.

FREUD, S. Lembranças encobridoras (1899). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 3, p. 333-358.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 4, p. 1-360.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (continuação) (1900). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 5, p. 361-660.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 07, p.129-250.

FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 09, p.121-136.

FREUD, S. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 11, p.197-206.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 12, p. 193-207.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 12, p.277-290.

FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 14, p. 15-88.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 14, p.89-122.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 14, p. 137-168.

FREUD, S. O Inconsciente (1915). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 14, p. 191-233.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação) (1917[1916-1917]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 16, p. 289-552.

FREUD, S. O 'estranho' (1919). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 17, p.275-322.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 18, p. 17-90.

FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia (1922-1923). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 18, p. 287-314.

FREUD, S. Inibições, sintomas e angústia (1926[1925]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 20, p.107-210.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933[1932]). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 22, p.15-138.

FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: STRACHEY, J. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. 23, p. 247-290.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

KALIMEROS. **Os destinos da pulsão**: sintoma e sublimação. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.

KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10**: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

LUSTOZA, R. Z. A natureza secreta do estranho: uma interpretação lacaniana da angústia em Freud. In: **Psicologia**: Ciência e profissão. 2015. 35(2), p.473-487.

MANGO, E. G.; PONTALIS, J. B. **Freud com os escritores**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

MILLER, J. A. **O osso de uma análise**: + O inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MILLER, J. A. **Silet, os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

PAIVA, A. F. A transferência é o tempo da análise. In: **ATAS - XIII Jornada de Cartéis**. Curitiba: Escola da coisa freudiana, 2016.

ROUDINESCO, E ; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, L. G. **O conceito de repetição em Freud**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002.

SOLER, C. **La repetición en la experiencia analítica**. Buenos Aires: Manantial, 2004.